

linhas
TORTAS

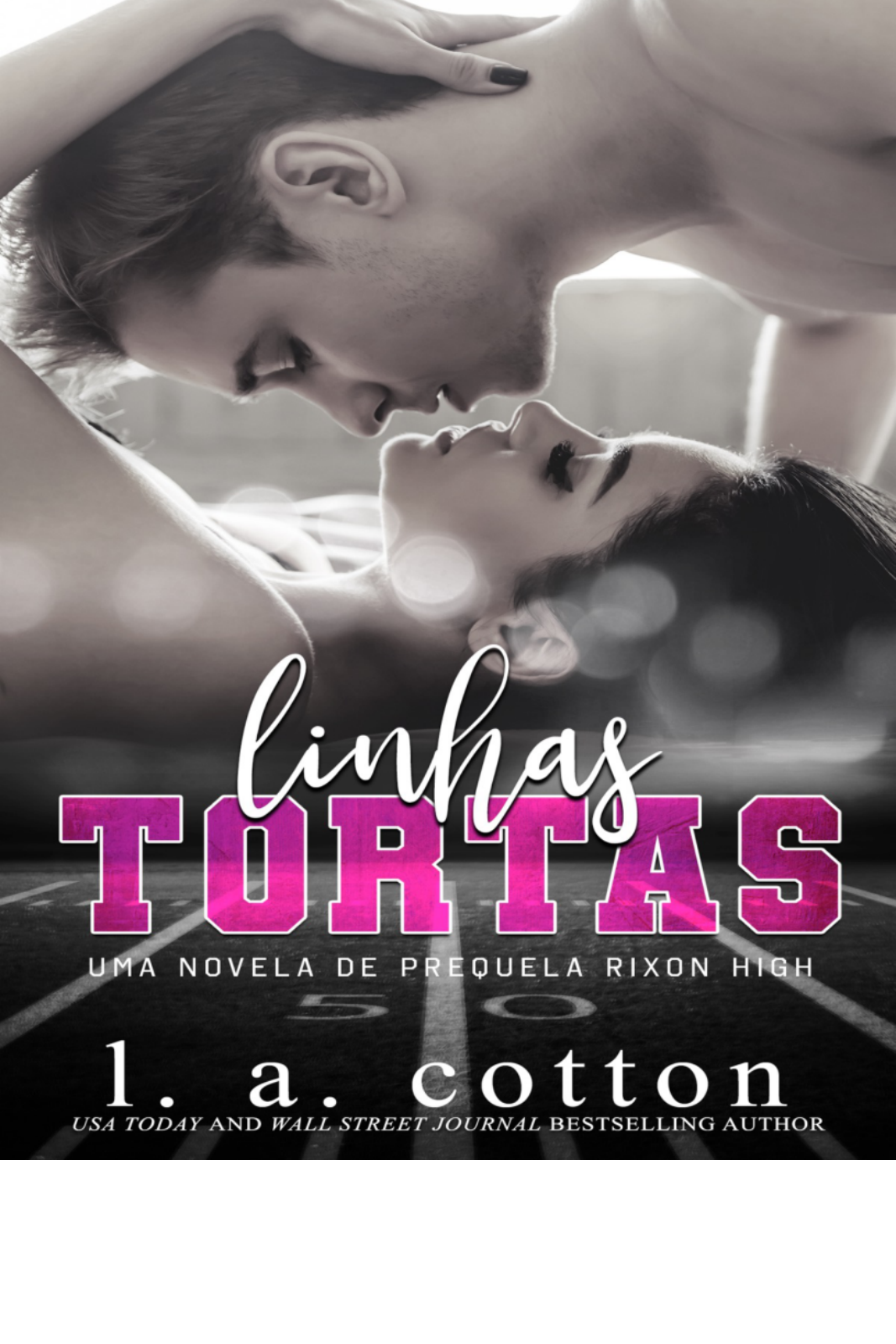
UMA NOVELA DE PREQUELA RIXON HIGH

1. a. cotton

USA TODAY AND WALL STREET JOURNAL BESTSELLING AUTHOR

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



linhas **TORTAS**

UMA NOVELA DE PREQUELA RIXON HIGH

1. a. cotton

USA TODAY AND WALL STREET JOURNAL BESTSELLING AUTHOR

LINHAS TORTAS

RIXON HIGH

L A COTTON

CONTENTS

Rixon High

Chapter 1

Chapter 2

Chapter 3

Chapter 4

Chapter 5

Chapter 6

Chapter 7

Chapter 8

Chapter 9

Chapter 10

Chapter 11

Chapter 12

Epilogue

About the Author

RIXON HIGH

Linhas Tortas

Uma novela de prequela Rixon High

Fora de Limites

Um livro da serie Rixon High

Publicado por Delesty Books

Linhas Tortas

Copyright © L A Cotton 2021

Todos os direitos reservados.

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e eventos são produto da imaginação da autora ou usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com pessoas ou eventos reais é mera coincidência.

Nenhuma parte desse livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer maneira sem a permissão escrita da autora, exceto por resenhistas que podem citar passagens breves para propósitos de resenhas e comentários apenas.

Versão original editada por Andrea M Long

Traduzido por Erika Robles

Revisado por Byanca Ismael

LINHAS TORTAS

**Um romance esportivo inimigos para amantes da autora
bestseller *USA Today* e *Wall Street Journal* L A Cotton.
Angústia... drama... amizade... e futebol. Sobreviverá ao último
ano?**

Miley Fuller tinha a vida toda planejada.
Mas quando chega o primeiro dia do último ano, e nem todo mundo
esqueceu sua traição, Miley sabe que vai precisar de muito mais do
que uma desculpa para consertar as coisas.

Avery Chase está focado no futebol.
Mas o quarterback estrela está prestes a se pegar trabalhando com a
única garota que ressentida mais do que tudo.

Começa com uma trégua hesitante. Unir forças para reparar o dano
causado pela revelação que Miley fez do time e ajudá-la a terminar
sua candidatura para faculdade.

Ele é tudo o que ela despreza.
Ela é tudo que ele deveria odiar.
Só que os dois tem coisas demais em jogo no último ano para
desistirem.

Mas o problema com fingir... é que as vezes se torna real.

AVERY

— AVERY, vamos. Você vai se atrasar — meu pai gritou.

— Já vou descer. — Ele não precisava saber que ainda não havia terminado de me vestir.

Era o primeiro dia do último ano e estava atrasado.

Fodeu minha vida.

A porta abriu e minha irmã Ashleigh sorriu.

— Oi, mentiroso.

— Dê o fora, pirralha.

— Papai vai te matar quando descobrir que você nem está vestido.

— Ela me deu um sorriso enjoativamente doce.

— Não podemos ser todos como você, Leigh.

A Perfeitinha mostrou a língua para mim.

— Você é um boboca.

— Você é irritante para caralho. Agora vai, sai daqui. Se você me amasse, desceria e distrairia o papai por cinco minutos por mim.

— É, que seja. — Ela fechou a porta e suspirei aliviado.

Era o seu primeiro dia no ensino médio, o que significava que estaria começando na Rixon High School.

Nossos pais queriam que comêssemos café da manhã juntos e depois tirássemos fotos. Era muito vergonhoso. Mas na família Chase, você não podia se envergonhar. Era provável que tio Xander também estivesse lá embaixo, para assistir o espetáculo.

— Avery, não me faça subir — papai gritou.

— Caralho — murmurei, passando um pouco de gel no cabelo loiro escuro.

Era o último ano, eu tinha muita coisa em jogo nas próximas semanas.

Pegando a mochila e bolsa de academia, finalmente saí do quarto e descí. Com certeza, tio Xander já estava sentado na mesa, devorando um monte de panquecas.

— Aqui está ele, o homem do momento — provocou, e lhe mostrei o dedo. — Um grande ano pela frente.

— Sente-se. — Mamãe segurou meus ombros e beijou minha bochecha. — Coma.

— Não estou...

— Eu disse, coma.

— Faça o que sua mãe disse, Filho. É uma manhã. É tudo o que pedimos.

— É, que seja. — Eu me sentei na cadeira na frente de Ashleigh e ela sorriu.

— Pirralha — disse, sem som.

— Babaca.

Risada retumbou no peito de Xander. Ele era meu tio, sim, mas crescemos juntos. Finalmente se mudou há alguns anos, e a casa não era a mesma. Mas ainda visitava toda hora. Na maior parte do tempo para comer, ou se precisava de dinheiro.

— Um veterano. — Mamãe colocou panquecas na mesa. — Não posso acreditar. Não parece que passaram cinco segundos desde que seu pai e eu fomos veteranos. — Ela o olhou com anseio e ele parou o que estava fazendo e foi em sua direção.

Ashleigh suspirou, sonhadora, uma enorme fã das suas demonstrações públicas de afeto. Eu, por outro lado, fingi vomitar em cima da comida.

— Ei, deixe disso. — Papai me deu um olhar firme. — Um dia uma garota especial vai te pegar de surpresa, filho, e aí...

— É, é, não precisa discursar, pai. — Já ouvi tudo isso antes. — É o último ano. Não tenho tempo para garotas.

A verdade era, só tinha uma garota que eu queria, e passei os últimos meses a evitando como se fosse contagiosa.

— É isso aí, porra — Xander disse com a boca cheia de panquecas. Papai nem se importava mais em dar bronca nele por xingar. Xander tinha problemas. Um monte deles. Mas era família.

E como meus pais me lembravam o tempo todo, não existia nada mais importante.

— É bom ter um foco, bebê. — Mamãe me trouxe um copo de suco. — Mas lembre-se de também se divertir um pouco. É o último ano. Depois disso, tudo muda.

Ela não precisava me lembrar. O vazio enorme do meu estômago era um lembrete suficiente. Havia crescido ao longo das últimas semanas, movendo-se e alongando-se até me sentir vazio.

Era o último ano, minha hora de brilhar. Hora de mostrar para cada olheiro, técnico e time, cada fã, o porquê eu era o capitão dos Rixon Raiders.

— Você está bem, filho? — A voz de papai me tirou dos meus pensamentos.

— Hm, sim. — Eu me levantei e levei o prato para pia.

— Tudo pelo o qual você batalhou nos últimos anos se resume a este momento.

— Eu sei, pai. — Meus olhos encontraram os dele, e o orgulho brilhando ali pesou no meu peito. Não estava carregando apenas as minhas esperanças para o futuro, estava carregando as dele também.

— Você vai longe, Avery. Sinto no meu âmagô.

— Cam. — Mamãe deu-lhe um olhar firme e ele se afastou, mas não sem antes piscar para mim e mover a boca dizendo: — Você consegue.

— Venha aqui, bebê. — Ela me puxou, me segurando na distância dos braços. — Deixe-me olhar para você. Deus, lembro de quando você nasceu. Tão pequenino e enrugado. E você fez esse sonzinho de balido. — Lágrimas encheram os cantos dos seus olhos. — Estou orgulhosa de você, Avery. — Ela me puxou para perto e me deu um abraço apertado. — Não importa o que você decida fazer, estou orgulhosa de você.

— Nossa, dê um pouco de espaço ao garoto. — Xander bufou. — Está começando o último ano, não indo para guerra.

— Ajudou muito, obrigado, Xan. — Papai ralhou. Os dois brigavam como gato e rato ultimamente, mas sabia que era só porque meu pai estava preocupado.

Todos estávamos.

— Ashleigh, vem cá com seu irmão. Quero tirar uma foto.

— Mãe, precisamos mesmo? — protestei.

— Faça o que peço. É seu último “primeiro dia de ensino médio”, bebê.

Vendo por esse lado...

Passando um braço em volta da minha irmã, a puxo para perto e bagunço seu cabelo.

— Sorria para a câmera, pirralha.

— Vai se catar, babaca.

— Ei, ei — papai falou. — Já chega. Agora deem o fora daqui ou vão chegar atrasados. Avery, venha comigo. — Ele acenou na direção do corredor e peguei minhas mochilas, o seguindo.

— O que manda, pai?

— Quero que me prometa que vai cuidar da Ashleigh e da Lily este ano.

— Pai, vai... É o último ano. Não posso...

— Ashleigh é forte, não vai ter problemas. Mas Lily é... bom, depois do que aconteceu, está tendo dificuldades. Apenas seja um amigo, tudo bem?

Lily era melhor amiga da Ashleigh. Também era a filha do melhor amigo do meu pai. Ele era meio que famoso em Rixon.

E também era meu técnico.

— Tudo bem, mas não vou ficar de babá. — Do jeito que estava, já tinha muito com o que me preocupar.

— Ninguém está pedindo isso. Apenas fique de olho nelas, e se tiver algum tipo de... problema, vá direto para Jase com essa merda, tá?

— É, tá bom.

Ele concordou com a cabeça.

— Você é um bom filho, Avery. Agora saia daqui. E dirija com cuidado. Sua irmã é preciosa.

— Tá bom, pirralha, me diga as regras outra vez.

— Avery, vamos — Ashleigh choramingou. — Não vou fazer isso.

— Me diga ou vou contar para o papai que você estava tentando paquerar meus rapazes... outra vez.

— Não estava paquerando. Estava conversando.

— Eu vi você piscando e enrolando o cabelo no dedo para Micah.

— Micah? Eca.

Arqueei uma sobrancelha.

— Você acha que Micah é nojento? Não foi o que ouvi você dizendo para Poppy e Sophia.

— Eu... — Suas bochechas ficaram vermelhas como um pimentão.

— É, foi o que pensei. — Eu sorri. — Só garanta que está apenas fofocando. Meus rapazes estão fora de jogo.

— Estou no nono ano, babaca. Seus caras não olhariam duas vezes para mim, e além disso, se olhassem, papai e tio Xan acabariam com eles até o Estadual se descobrissem.

— Com certeza fariam isso. Mas não se engane... a regra não se aplica apenas aos meus rapazes; se aplica para rapazes, ponto final.

— Que seja. Só porque você é um mulherengo de proporções épicas não significa que o resto de nós quer ser.

— Jesus, Leigh, não...

— Com quantas garotas você dormiu durante o verão?

Que merda foi essa?

— Não vou ter essa conversa com você — falei entredentes. — Acho que vi a Lily. Você deveria ir encontrá-la.

— Boa técnica de distração, babaca.

— Dê o fora daqui, Ash. — Eu ri, mas ela se inclinou e socou meu braço.

— Você é tão irritante. — Ela odiava quando as pessoas a chamavam de Ash, porque o outro melhor amigo do papai se chamava Asher, e esse era seu apelido. Ao invés disso, nos obrigava a chamá-la de Leigh, o que eu fazia, a não ser que quisesse provocá-la.

— Precisa ser para conhecer — gritei para ela enquanto saía do carro.

Minha irmã foi direto para as filhas do Técnico Ford. Lily e Poppy estavam em anos diferentes, mas não era a única coisa que as separava. Lily era toda o pai, cabelo escuro e olhos azul gelo que pareciam olhar através de você. Mas Poppy era a mãe. Cabelo castanho ondulado e olhos verdes e um sorriso que se iluminava como os fogos de artifício em Quatro de Julho. Todos crescemos juntos: eu e Ashleigh; as garotas Ford; Sofia e Aaron, os gêmeos Bennet, e mais tarde, o irmão adotivo deles, Ezra. Mas por ser o mais velho, e três anos mais velho que Ashleigh, Lily e Ezra, não era tão próximo deles.

— Ei, Chase — Micah e Ben se aproximaram.

— E aí? — falei.

— Último ano, cara. Vamos mandar na escola e dominar o campo nesta temporada.

— Com certeza — Ben disse, trocando soquinho com Micah. — Você está bem? — ele me perguntou. — Parece estressado.

— Estou de boa. — Meus ombros se encolheram um pouco. — Mas não estou com pressa de voltar para a academia.

Nosso treino seria brutal esse ano. Depois de uma derrota devastadora na última temporada, perdemos o jogo do campeonato. Como o capitão e quarterback, foi um remédio amargo de se engolir. A temporada deveria ter sido nossa. Mas uma série de lesões interromperam nosso embalo.

— Sério? — Ben bufou. — Mal posso esperar. Nada como algumas repetições para fazer o sangue correr.

Andamos na direção do prédio da escola. Os caras paravam para dizer “ei” ou dar tapinhas e as garotas paravam para sorrir e piscar para nós. Não éramos apenas veteranos este ano. Éramos malditos reis... e o império todo dependia apenas de mim.

Eu precisava levá-los ao Estadual. Precisava trazer a taça do campeonato para casa. Precisava chamar a atenção de um olheiro de uma das minhas faculdades preferidas.

Era muito, e ao entrarmos na escola, sabia que só iria ficar muito pior.

— Alerta de dedo duro. — Micah tossiu na mão ao passarmos pela Miley Fuller. Ela encontrou meus olhos e foi falar, mas lhe dei um olhar frio e continuei andando.

Ela era a última pessoa com quem queria conversar.

— Não posso acreditar que ela tem colhões para voltar aqui.

— Sério, mano, ela estuda aqui — Ben zombou. — O que ela faria, iria embora?

— Hm, sim. Depois do que fez, estou surpreso que seus pais não a tiraram de Rixon High e a mandaram para o reformatório.

— Você não é mandando para o reformatório desse jeito, cara. Não é assim que funciona. Além do mais, ela não cometeu um crime de

verdade.

— Tente dizer isso para o Técnico e para o time. Ei, o que você diz, Chase?

Olhei para eles e dei de ombros.

— Não importa.

— Não importa? — As sobrelanceiras de Micah tocaram seu cabelo. — A vaca traidora passou a temporada inteira se fingindo de líder de torcida para conseguir uma exclusiva do time e depois escreveu aquela reportagem para o jornal da escola.

— Micah, falei para deixar pra lá. — Não queria falar de Miley e suas mentiras... sua traição.

Eu não queria falar dela e ponto final.

— O que subiu pelo seu traseiro, cara?

Bati a porta do armário fechada e passei a mão pelo cabelo.

— Tenho que ir pra aula. Vejo vocês mais tarde.

Mas ao sair pisando firme pelo corredor e virar a esquina, Miley me interrompeu.

— Podemos conversar? — Seus olhos olharam em volta. — Por favor.

— Acho que você disse tudo o que precisava na reportagem. — Meus dentes rangeram enquanto seus olhos castanhos suaves imploravam silenciosamente comigo.

— Eu sei que errei, Ave, e sinto mu...

— Não me chame assim. Só amigos podem me chamar assim, e você e eu, Fuller, não somos amigos.

Não éramos nada.

— Mas...

Dei um passo em sua direção, o entrecortar de sua respiração mal afetou o gelo em volta do meu coração.

— Dê o fora do meu caminho — sibilei. — E se sabe o que é bom para você, vai ficar longe.

MILEY

AVERY TROMBOU no meu ombro e saiu pelo corredor como se não pudesse ficar mais um segundo ao meu lado.

Eu não o culpava.

Cometi uma besteira enorme no meu segundo ano. No começo do semestre, Sr. Jones avisou aos três repórteres júnior que queria que competíssemos pela posição de editor chefe. Eu a queria. Queria tanto. Sabia que precisaria de uma exclusiva que chamasse atenção. Só não previ que também partiria meu coração.

Soltei um suspiro resignado e atravessei o corredor até meu armário. Algumas líderes de torcida me fuzilaram.

Não havia irritado só os jogadores de futebol.

Na hora, estava focada no meu objetivo principal – me tornar editora chefe esse ano. Nada mais importava... até que importou.

Nunca fui fã de futebol. Eu amava as palavras: literatura e livros. Eu amava usar o poder da linguagem para me expressar. Não tinha tempo para esportes coletivos, não quando coloquei todas as minhas esperanças em Northwestern. Você precisa dar tudo o que tem para a academia, para aperfeiçoar seu ofício e desenvolver sua voz como escritora.

E o furo a respeito da verdade dos jogadores de futebol e o tratamento preferencial que eles recebiam me fez ganhar a vaga. Mas teve um custo.

Um que não antecipei.

Depois que coloquei alguns livros no armário, ergui a mochila no ombro e fui para aula.

Mas no segundo em que entrei na sala, fiz uma careta interna. Micah Delfine e Ben Chasterly estavam nessa aula. E estavam no meio de um grupo de líderes de torcida.

Tudo o que eu não precisava.

— Srta. Fuller, não me faça esperar o dia todo — o professor disse.
— Encontre um lugar.

— Desculpe, Sr. — Eu me apressei para uma carteira vazia ao lado da janela.

— Vaca dedo duro. — Alguém tossiu, mas as palavras saíram

claras.

Inalei uma respiração entrecortada, tentando não deixar suas provocações e alfinetadas doerem. Eu as merecia, em sua maioria. Acho que só pensei que as férias de verão fariam as pessoas esquecerem.

Mas ninguém esquecia em um lugar como Rixon. Ainda mais quando envolvia o amado time de futebol. Porque Rixon não era uma cidade qualquer; era a cidade do futebol, e os Rixon Raiders eram um dos melhores times do estado.

E eu era a garota que foi contra eles para proveito próprio.

Quando a aula terminou, estava mais do que pronta para dar o fora dali. Os sussurros constantes e bilhetes foram insuportáveis. Era um ano novo, um novo semestre, mas ninguém havia esquecido da garota que se infiltrou no esquadrão de torcida para se aproximar do time de futebol e escrever um artigo clandestino para o jornal da escola.

Eu havia me juntado ao fluxo de adolescentes saindo da sala quando alguém me puxou para trás.

— Tome cuidado, vaca — Kendall Novak falou ao me afastar com o ombro para passar, suas amigas todas seguindo.

Nunca fui a garota popular. Nunca sentei com os descolados no almoço ou fui convidada para as melhores festas, mas nunca fui tão ostracizada pelos meus pares antes. *Só tem a si para culpar.*

Não podia reverter o que fizera. Não podia nem me arrepender. Isso me diferenciou da competição e me deu o cargo de editora chefe.

Consegui o que queria... não é?

Pelo menos não precisava passar a próxima hora ouvindo as opiniões bem baixas dos meus colegas de classe a meu respeito. Tinha um horário livre e um lugar onde queria estar.

No segundo que entrei no quartel general da Rixon Riot – também conhecido como uma salinha ao lado da biblioteca – senti a calma tomar conta de mim. Essa era minha vocação, meu local seguro. Atrás dessas portas, nada do que meus pares diziam de mim podia me tocar.

— Bom dia, Mil. — Dexter Palmer, meu segundo em comando, sorriu. — Como estava a selva esta manhã?

— Eu sobrevivi. — Por pouco.

— Bom, Jones está no escritório e quer conversar. — Suas sobrancelhas se ergueram.

Soltei a mochila e peguei um bloco de notas e uma caneta.

— Acho que é melhor ver o que ele quer.

Fui até o escritório no canto da sala e bati duas vezes.

— Entre — Sr. Jones chamou, e entrei. — Miley, bem-vinda de

volta.

— Obrigada, senhor.

Ele acenou para a cadeira vazia e me sentei.

— Último ano, está pronta?

— Acho que sim.

— Ótimo, estou animado para ver o que você vai trazer para o cargo este ano. — Ele passou os olhos pela tela do computador. — Tenho seu primeiro projeto.

— Ah é? — Um lampejo de animação passou por mim.

— Técnico Ford gostaria que você seguisse o time esse semestre e...

— Desculpa, o quê? — A animação virou gelo.

— Escute. — Sr. Jones reclinou-se na cadeira e juntou os dedos. — A reportagem foi um grande sucesso e já levantou alguns pontos interessantes que o Diretor Kiln planeja apresentar ao conselho escolar, mas também deixou muita gente eriçada.

— Meio que era esse o ponto. — Como muitas escolas, Rixon High tinha um histórico de dar tratamento preferencial para os atletas.

— Eu sei, e você sabe que apoio a maior parte dos pontos que você abordou no artigo. Mas com esses tipos de furos, sempre tem retaliação. E é uma grande temporada para o time. Técnico Ford gostaria que você seguisse um dos jogadores principais para entender a pressão que estão sofrendo.

— Você está falando sério?

— Estou. — Suas sobrançelas se uniram. — E o Diretor Kiln também.

— Então não tenho escolha?

— É uma ótima oportunidade, Miley. Como jornalistas investigativos temos que estar preparados para abordar todos os lados da história. Sei que pode fazer isso.

— O time não vai me querer por perto.

Eles me odiavam.

— Bom, não é decisão deles para tomar. Técnico Ford quer que esse artigo aconteça. Vai garantir que os jogadores entrem na linha.

— Ótimo. — Sarcasmo cobria minha voz.

— Tenho certeza que você vai se dar bem — falou com um meio sorriso. — Sua tenacidade e dedicação ao jornal é sem igual.

— Obrigada, Senhor. Acho que é melhor ir me preparar. — Peguei minha mochila e me levantei.

— Não quer saber quem você vai seguir?

— Não importa. — Meus ombros se encolheram um pouco.

— Na verdade, pode importar...

Meus olhos encontraram os dele, o nó no meu estômago se apertou.

E aí ele disse as três palavrinhas que viraram meu mundo de cabeça para baixo.

— É Avery Chase.

— Miley, é você, querida?

— Sou eu, mãe. — Sorri para mim mesma. Não tínhamos muitas visitas, mas ela fazia a mesma pergunta todos os dias.

Depois de tirar o tênis, a encontrei na cozinha.

— Oi.

— Oi, querida. Teve um bom “último primeiro dia”?

— Foi tudo bem. — Por sorte ela não podia ver minha careta enquanto ia até a geladeira e pegava uma caixa de suco. Enfiei o canudo e me juntei a ela ao lado da bancada. — O que está fazendo?

— Brownies de Reese's.

— Hmm, meu favorito.

— Pensei que podíamos ter uma noite de cinema. Comemorar seu primeiro dia do último ano.

— Parece ótimo, mãe. Mas tenho um monte de coisa para ler. Mais tarde?

— Claro, bebê. Você encontrou Sr. Jones? Ele tem uma grande história para seu último ano?

— Ele quer que eu siga Avery Chase.

— O quarterback?

— Esse mesmo. — Não pude deixar a frustração fora da voz.

— Mas você já escreveu a reportagem sobre o time.

— E Técnico Ford acha que é justo que faça alguma coisa mostrando eles sob um ângulo melhor.

— Bom, isso não parece justo.

— Caso não saiba, a vida não é justa, mãe. — No segundo que disse as palavras, me senti péssima. — Desculpa, isso saiu errado.

— Não tem problema, bebê. — Ela se aproximou e me abraçou. — Não quero que se sinta como se não pudesse pedir conselhos para mim, tá bom? Não importa o quê.

— Obrigada.

Os últimos dois anos foram difíceis. Meu pai nos abandonou de repente depois de vinte anos casado com minha mãe. Alegou que eles “foram em direções diferentes”, mas nós duas sabíamos que ele encontrou felicidade com uma mulher apenas alguns anos mais velha do que eu.

Minha mãe teve dificuldades no começo, entrando em uma onda de depressão e ansiedade. Mas estava melhor, e eu tinha muito orgulho dela por se recuperar.

— Você vai arrasar, querida. — Ela apertou minha mão. — Não tenho dúvidas. Além disso, como foi seu primeiro dia?

Não pude esconder minha carranca dessa vez.

— Ugh, ruim assim?

— Sou editora chefe do jornal da escola, mãe. Escrevi uma exclusiva revelando o tratamento preferencial dos jogadores de futebol na nossa escola. Me candidatei para o esquadrão de torcida só para ter informações privilegiadas e...

— Certo, certo, entendi. Você traiu a confiança de muitas pessoas, mas certamente, muitos estão ao seu lado?

— Ah, não tenho certeza disso. — Na nossa reunião diária, metade do meu time não conseguiu nem me olhar no olho.

Eu era a garota que ousou enfrentar os Rixon Raiders, e agora tinha que pagar o preço.

— Bom, você é uma mulher forte e independente. — Ela cutucou meu ombro. — Não tem nada que não possa enfrentar.

— É — murmurei, querendo deixar essa conversa para trás.

Era ruim o suficiente que teria que fazer tudo isso de novo amanhã, mas seguir Avery para o artigo?

Ele nunca concordaria com isso.

Mas minha mãe estava certa. Não era daquelas que recuavam frente a um desafio, e ainda precisava do meu último artigo para minha candidatura para Northwestern. Estive ponderando ideias pelas últimas semanas, mas isso precisaria servir. Estava perto demais para desistir agora, e tinha muito em jogo neste semestre como editora chefe do Rixon Riot.

— É bom que isso não seja uma carranca, Miley Louise Fuller. — Mamãe sorriu, me dando uma colherada de mistura de brownie. Eram nesses momentos que percebia o quanto ela havia superado.

Depois que meu pai foi embora, ela passava a maior parte dos dias na cama, mal comendo ou bebendo. Foi difícil, ver a mulher que me deu a vida se despedaçar desse jeito. Foi o suficiente para cortar meus laços com meu pai... mas também me fez mais determinada do que nunca para correr atrás dos meus sonhos e criar um futuro para mim.

Northwestern era o objetivo. Eu não tinha um plano B ou C. Era um dos melhores programas de jornalismo do país, e eu queria isso com tudo o que tinha. Eles só davam um punhado de bolsas totais para academia por ano, e precisava de uma para conseguir pagar a mensalidade. Minha mãe não tinha o dinheiro, e meu emprego de meio período na biblioteca Rixon não era o bastante.

— Eu dou conta, mãe — falei com convicção. Porque não tinha alternativa. Ela estava certa. Eu era Miley Louise Fuller, e quando me decidia por alguma coisa – de propósito ou não – eu ia atrás com tudo o que tinha. Então não importava se Avery queira ou não me ajudar

com isso, ele não tinha escolha.
Porque eu não o daria uma.

AVERY

ERA SÓ o segundo dia do semestre e todos os sinais que a temporada de futebol se aproximava estavam por todos os lugares. O banner enorme dos Rixon Raiders pendurado no teto, o mascote Viking observando a mim e meus colegas de classe como um deus que tudo vê. Era o mesmo mascote para o qual meu pai e Técnico Ford jogaram. Para o qual rezaram.

Eles comandaram os corredores dessa escola há vinte anos. Técnico Ford foi até o fim, teve uma carreira de sucesso na faculdade UPenn e depois foi escalado para o Philadelphia Eagles. Mas não meu pai; ele largou a faculdade no último ano para cuidar de Xander quando minha avó ficou doente. Depois minha mãe descobriu que estava grávida de mim, e ele desistiu da chance de chegar aos profissionais – e tinha uma boa chance – pela família. Ele dizia que não se arrependia, mas imaginava que era o que deveria dizer. Chegar aos profissionais era um sonho, um que não muitos rapazes conseguiam realizar. Então para desistir isso... não podia nem imaginar.

Eu queria isso mais do que tudo no mundo. Futebol era parte de mim, do jeito que oxigênio fazia parte do meu sangue. Quando segurava uma bola, aninhava o couro de porco nos dedos, me sentia em paz. Não era algo que você podia colocar em palavras: a adrenalina do jogo, a euforia que tudo consumia que vinha ao fazer jogada atrás de jogada. Eu vivia e respirava futebol desde que era um garotinho correndo pelo quintal e sendo perseguido pelo tio Xander. Meu velho esperava que fosse ser um wide receiver como ele era, mas rapidinho ficou aparente que arremessar era meu superpoder. Isso se tornou uma piada constante entre meu pai e Técnico Ford, que eu deveria ter sido filho dele. Mas isso não importava, porque assim que comecei na Rixon High, me tornei seu protegido. Ele se tornou meu mentor e me transformou no jogador que sou hoje.

Um jogador de olho no prêmio. O prêmio sendo uma bolsa completa para uma das melhores faculdades do país, Notre Dame.

— Chase, filho, vamos. — Técnico Ford gritou enquanto colocava meu uniforme. Estávamos treinando há uma hora e precisava desesperadamente de um banho, mas depois do artigo da Miley Fuller

no ano passado, o técnico nos informou que esperava que nos esforçássemos na aula tanto quanto no campo. Todos sabíamos que era provável que ele estava em maus lençóis com Diretor Kiln, mas ele não dizia nada.

Técnico Ford era um homem de poucas palavras. A não ser que estivesse irritado, aí você sentia toda a fúria de seu vocabulário.

— E aí, técnico? — Entrei no seu escritório e fechei a porta.

— Sente-se, Avery.

— Parece sério.

— Antes de explicar isso para você, quero que saiba que foi minha ideia. Minha, tá bom?

— Certo. — Minhas sobrancelhas se juntaram.

Ele se inclinou na cadeira e soltou uma respiração pesada.

— Depois da merda que foi o furo da Srta. Fuller, trouxe uma atenção para o time que, para ser honesto, não precisamos nesta temporada. É um grande ano para você. Não quero que se distraia ou tenha que se desdobrar...

— Por que não gosto do som disso? — Eu me mexi desconfortável na cadeira.

— Falei com Sr. Jones...

— O professor do Rixon Riot?

Técnico concordou.

— E ele concordou que deveríamos ter uma oportunidade justa e igual de contar o nosso lado da história. Não é segredo que atletas tem tratamento preferencial. Ainda mais em uma cidade como Rixon, e a maior parte dos pais do nosso lado, você sabe disso. Mas não posso ignorar o fato que não mostrou nosso – meu – melhor lado.

— Sra. Bennet ainda está na sua cola? — A mãe de Sofia e Aaron era a conselheira de carreira da escola, e acreditava cegamente em estudos primeiro e esportes em segundo. Ela e o técnico com frequência se enfrentavam a respeito dos horários dos jogadores e suas notas. O furo foi só munição extra.

— Mya conhece o esquema. Estou aqui para moldá-los em jogadores de faculdade. Estou aqui para jogar futebol.

— Eu também, técnico. — Eu sorri.

— É, bom. Você também precisa se formar no ensino médio, filho.

— Minha média é decente.

— Vamos mantê-la assim. De qualquer forma, voltando ao meu motivo original por te arrastar até aqui. Concordei com Sr. Jones que Srta. Fuller pode voltar e escrever outro artigo.

— Que porra é essa?

As sobrancelhas do técnico se ergueram e soltei um suspiro frustrado.

— Desculpe.

— Sei que você tem coisas melhores para fazer do que ficar de babá da aprendiz de repórter.

— Calma lá, você não disse nada sobre ficar de babá.

— Não disse? Devo ter esquecido. — Ele sorriu. O técnico sorriu de verdade. — Ela vai te seguir e você vai mostrar a verdade por trás do time.

— Vou? — Pro inferno que ia. Ela era uma cobra que não podia ser confiada. — Como você sabe que ela não vai alterar a história outra vez?

— Sr. Jones me garante que Srta. Fuller vai ser mais do que amigável.

— Aposto que sim — resmunguei.

— Isso é uma coisa boa, Avery. Colocar o foco em você nessa temporada é exatamente o tipo de atenção que precisamos se queremos que Notre Dame te procure.

Caralho. Ele tinha que colocar por esse lado.

— Você acha mesmo que podemos confiar nela?

— Tenho certeza que você vai conquistá-la. Somos jogadores de futebol, não monstros.

— Não sei, Micah é bem assustador em campo. — Ele era nossa defesa, e o cara era do tamanho de uma casa.

— Vamos, Ave. Cadê o espírito de luta?

Mas era esse o problema, era o último ano e eu me sentia... desequilibrado. Não podia explicar. Tive um verão épico passando tempo com meus amigos, indo no acampamento de futebol e fazendo bobagem no lago. Mas conforme os dias passavam e o último ano se aproximava, comecei a me sentir inquieto. Talvez fosse a pressão. Ou talvez fosse o fato que meu pai ainda pensava que estava planejando me candidatar para Michigan e frequentar sua alma mater.

— Ainda não contou para ele? — Técnico Ford me deu um olhar compreensivo.

— Não surgiu o assunto.

— Merda, Avery, você teve o verão inteiro.

— Eu sei, mas ele está tão animado com Michigan. Não sei como tirar isso dele. — Ele sacrificou o sonho pela família, mas agora tinha a chance de o viver intensamente por mim.

— Você tem sorte que estou preocupado, ou tem uma boa chance que teria deixado escapar a essa altura.

— Como ela está? — perguntei.

Técnico soltou um suspiro pesado enquanto esfregava a mandíbula.

— Lily é forte. Mais forte do que pensa. Mas estaria mentindo se dissesse que não me preocupo com o ensino médio. Pensei que ensino fundamental fosse uma coisa, mas essas garotas de ensino médio... podem ser brutais.

Ele não estava errado.

— Vou ficar de olho. E ela tem Poppy e Ashleigh.

Poppy ainda estava na nona série, mas era superprotetora da irmã mais velha. Técnico estava de mãos cheias com as mulheres. Algumas vezes me perguntava como ele conseguia. Mas Jason Ford era um dos caras mais fortes que conhecia, e amava muito sua família.

— Eu apreciaria mesmo isso, Avery. Ela já passou por muita coisa.

— Pode deixar, treinador. — Concordei com a cabeça. Fui difícil com meu pai sobre isso, mas nunca faria vista grossa para alguém tornando a vida da Lily mais difícil do que deveria ser. Ela era como se fosse família.

— Então, está bem com o negócio da Srta. Fuller? Sei que não é o que queria ouvir, mas para ser honesto, acho que pode ser algo bom.

Minha mandíbula apertou enquanto imaginava passar tempo com ela outra vez.

— Acho que não tenho muita escolha, tenho?

O mais leve dos sorrisos marcou os lábios do Treinador.

— Assim que se fala.

Não esperei para Miley me encontrar. Ao invés disso, decidi encarar o problema de frente. Se iríamos fazer isso, e não parecia que teria muita escolha, iria garantir que ela sabia que isso aconteceria do meu jeito.

Um dos caras da TI conseguiu encontrar a grade de horários dela para mim, então esperei na porta da sua última aula do dia. Todo mundo saiu no corredor, o professor os seguindo, mas nem sinal de Miley.

Enfiando a cabeça pela porta, eu a encontrei guardando suas coisas.

— Avery? — Até meu nome nos seus lábios me irritava.

— Precisamos conversar. — Fechei a porta e me aproximei dela.

— Técnico te contou do artigo? — Assenti, e suas bochechas ficaram rosas. — Não foi minha ideia, eu juro.

— Não importa. — Pegando o pedaço de papel do bolso, bati na sua mesa. — Esse é meu cronograma. Esteja lá, ou não, que seja. Mas é isso o que você vai ter.

Eu me virei para ir embora, mas Miley esticou o braço sobre a mesa e segurou meu pulso.

— Espere, por favor.

Meus olhos fixaram onde ela me tocava, raiva fervendo nas minhas veias.

— Tire sua maldita mão de mim. — Foi um rosnado baixo que a

fez me soltar na hora.

— Me desculpe, tá bom? Sei que errei... mas você não entende. Isso é minha vida, meu futuro...

— Você acha que me importo? — Eu ralhei. — Não me importo. Mas apronte comigo outra vez, com meu time, e vamos ter um maldito problema, entendeu?

Desculpa e arrependimento brilhavam em seus olhos e eu odiava isso.

Eu a odiava.

Normalmente, não era um babaca. Não me aproveitava da minha posição, ou do poder dado a mim pelo time ou nossos fãs. Mas Miley Fuller me deixava raivoso para caralho.

Marchando até a porta, esperei que me deixasse ir. Mas ela era uma repórter. Não era da sua natureza ficar em silêncio.

— Se vale alguma coisa, Avery... nunca quis que acontecesse daquele jeito.

Não dei um segundo olhar para ela ao abrir a porta e dar o fora dali.

— O que entrou na sua bunda e morreu? — Ashleigh perguntou no segundo que cheguei no carro. Eu prometi uma carona para casa. Não lembrava de estender a oferta para Lily.

Ignorei sua pergunta, passando os olhos por Ashleigh e a amiga.

— Não sou um taxi.

— Talvez devesse esperar meu pai — Lily disse e me senti um verdadeiro babaca.

— Entra — falei. — Não é incomodo te dar uma carona.

— T-tá bom.

Balançando a cabeça, entrei e as esperei. Lily grudou na porta como se estivesse tentando se proteger. Eu a via pelos corredores da escola. Ela ficava na dela, tentando se misturar as sombras. O que era uma pena. Lembrava dela como criança. Ela sempre fora tão feliz, calorosa e bondosa. Mas tudo isso mudou no verão antes da oitava série.

O técnico não estava errado quando disse que os alunos do ensino fundamental eram umas peças.

— E aí, o que está achando de Rixon High? — perguntei enquanto saía do estacionamento.

— Só estou aliviada de ter deixado Rixon Middle para trás — Ashleigh disse.

— Lily? — a coagi, e ela encontrou meu olhar no retrovisor, mas rapidinho desviou a atenção.

— É legal, eu acho.

— Você consegue, Lil. — Ashleigh deu um sorriso caloroso a ela.

— Então, de volta a minha primeira pergunta, irmão. O que entrou na sua bunda e morreu?

— Nada. — Dei de ombros, mantendo os olhos à frente.

— Você é um mentiroso de mão cheia. Sou sua irmã. Sei quando alguma coisa aconteceu, e você saiu da escola como se não pudesse ficar ali nem mais um segundo.

— Apenas deixa quieto, tá, Leigh?

Os olhos dela fuzilaram o lado do meu rosto, mas não iria confessar.

Eu tinha problemas maiores.

Tipo contar para o meu pai que queria ir para Notre Dame.

MILEY

QUARTA DE MANHÃ, antes da aula, eu me peguei sentada nas arquibancadas, assistindo enquanto Avery e o time treinavam jogadas. Meu copo de café reutilizável esquentava minhas mãos enquanto observava o técnico gritar instruções para eles ao correrem de um lado para o outro no campo. Nunca fui fã de futebol quando estava crescendo. Estava ocupada demais me perdendo em mundos fantásticos de autores que amava tanto. Era e sempre seria uma rata de biblioteca, preferindo me aconchegar em uma poltrona em casa ou na biblioteca e escapar para uma terra longínqua.

Então o fato de qualquer um querer se arrastar até um campo de futebol às sete e meia da manhã e se massacrarem, correr até suas pernas virarem gelatina, não fazia sentido para mim. Mas não podia negar a dedicação desses jovens homens. Os mesmos jovens que ano passado vi festejarem muito, perderem prazos de trabalhos, e se aproveitarem do poder que tinham só por conseguirem arremessar uma bola de futebol ou derrubar um cara do tamanho deles no chão.

Claro, eu os vi treinar e jogar. Fui líder de torcida por uma temporada, então meio que fazia parte. Mas isso era diferente. Isso era ver com novos olhos.

— Certo, mocinhas, venham aqui. — A voz do técnico Ford retumbou pelo campo. Ele era um homem intimidante: olhar frio, barba por fazer e um físico que fazia a maior parte das professoras morderem a língua sempre que o viam. Também era realza na NFL, então era meio importante em uma cidadezinha como Rixon.

Vi Lily Ford, sua filha, sentada algumas fileiras abaixo, também assistindo. Ela havia acabado de começar na Rixon High, mas pelo o que podia ver, era pequenina e tímida, o que parecia estranho para a filha do técnico. Normalmente, as garotas se gabavam da conexão com o time. Irmã, amiga, ex... peguete; garotas usavam a conexão com o time como uma medalha de honra. Mas a filha de um dos melhores jogadores da história do Philadelphia Eagles parecia como se estivesse tentando desaparecer.

Ponderei ir até lá e me apresentar. Mas algo me impediu.

Em específico, Avery gritando meu nome do outro lado do campo.

O que diabos ele estava fazendo?

— Vai logo, Fuller, desce aqui. — Ele acenou para que me aproximasse e, relutante, me levantei e fui para onde o time estava reunido. Técnico Ford me deu um aceno brusco.

— Pensamos que já você vai seguir o time, o mínimo que você pode fazer é ajudar. — Avery deu um sorrisinho malicioso e jogou a bola para mim. Eu me atrapalhei, mas consegui segurá-la contra o corpo.

— Desculpa, o quê?

— Você não vai aprender muito lá de cima. — Ele acenou para a arquibancada. — Quer saber como é ser um jogador de futebol, né? — Os olhos dele me prenderam no lugar, e senti as bochechas corarem.

Ele pensava que era tão esperto, me envergonhando na frente do resto do time.

— O que Avery está tentando dizer — tinha um aviso na voz do técnico Ford —, é que pensamos que você poderia gostar de assistir do campo.

— Posso fazer isso — falei, arremessando a bola de volta para Avery sem avisar. Eu o peguei desprevenido e ele se atrapalhou para pegar. Alguns rapazes riram, mas o capitão os silenciou com um olhar mortal.

— Tá bom, tá bom. Srta. Fuller, você vem comigo — Técnico Ford disse. — Moças, vamos mostrar a ela como jogamos.

Segui o treinador para a área técnica.

— Você está bem? — ele me perguntou.

— Posso lidar com Avery Chase — bufei, indignação queimando por mim.

Ele queria me envergonhar, fazer com que me sentisse estúpida na frente dos seus colegas de time. Parte de mim não o culpava, mas também não esperava isso dele.

Não do Avery Chase que passei a temporada passada observando liderar o time até o campeonato estadual.

Avery era equilibrado, calmo e sereno. Ele não perdia a cabeça como Micah Delfine ou Ben Chasterly. Ele era um capitão firme, mas justo, que liderava por exemplo. Ele não deixava as emoções levarem a melhor dele... até agora.

Técnico Ford cruzou os braços na frente do peito largo e riu.

— Ah, não duvido nem por um segundo, Srta. Ful...

— Miley Pode me chamar de Miley.

— Muito bem, Miley. Ele é um bom garoto, sabe. Um dos melhores jogadores com quem tive o privilégio de trabalhar.

— Você acha que ele pode chegar nos profissionais?

— Ah, sei que pode. Mas o trabalho árduo só está começando. Quer ir para faculdade, Miley?

— Northwestern, senhor. — Deus, eu não só queria. Eu ansiava por isso.

— E o que faria para chegar lá?

— O que for preciso, senhor.

Ele me olhou por um longo segundo, e senti meu estômago revirar sob o peso do seu olhar.

— Então acho que você e meus jogadores não são tão diferentes, afinal. Algo para se pensar.

Técnico Ford se afastou e me deixou sozinha com meus pensamentos. Ano passado estava tão consumida pelo artigo que talvez tenha sido muito apressada nas minhas conclusões. Ainda acreditava que ser um atleta não te dava direito de se aproveitar do sistema. Porque uma educação era tão importante quanto, e a realidade era que a maioria desses jogadores não conseguiriam uma carreira profissional no futebol. Mas talvez, à princípio, eu tenha subestimado o poder do espírito esportivo, trabalho em equipe e dedicação.

Talvez.

Passei os próximos dias equilibrando as aulas e minhas responsabilidades com o jornal da escola, junto com seguir Avery nos treinos. A maior parte dos rapazes me ignorava como se não estivesse ali, e Avery mal falava duas palavras para mim. Mas não estava ali para fazer amigos. Estava ali para escrever um artigo de arrebentar e terminar minha candidatura para Northwestern.

— Ah, olha, é a dedo duro. — Kendall e as amigas me cercaram na aula outra vez. Olhei para ela e soltei um suspiro pesado.

— Muito original.

— Ouvi que você está bisbilhotando em volta do time outra vez. Não sabia que deixavam traidores assistirem o treino.

— E o que temos aqui? — Micah veio até nós, passando o braço pelo ombro da Kendall.

— É verdade que ela está escrevendo outra reportagem?

— Reportagem? Nem pensar. Temos usos muito melhores para a dedo duro esse ano. Não é mesmo, Miley? — Ele sorriu para mim. — Ela é nossa nova mascote, de certa forma.

— É — Ben deu risada, dando uma cotovelada nos costelas do amigo. — O aliviador de estresse do time.

— Nojento — murmurei, tentando ignorar as risadinhas das garotas.

— Estamos apostando quantos paus de Rixon ela vai chupar antes do final da temporada.

— Não tocaria em você se fosse o último cara no planeta.

— Ai, você diz isso como se tivesse outras opções. Você... tem outras opções? Porque não acho que vi você com uma amiga, menos ainda com um cara.

Engoli a onda de vergonha correndo por mim. E daí que não tinha muitos amigos. Gostava da minha própria companhia. E entre a escola, meu emprego de meio período, e passar um tempo com minha mãe, não sobrava muito tempo para namorar.

Não que tivesse uma fila de caras batendo na minha porta.

— Ah, meu Deus, que triste — Kendall disse. — Ela é solitária e dedo duro. É uma bosta ser você.

— Certo, pessoal, sentem-se. — O professor enfim chegou, mandando todos para seus lugares.

Mas não impediu os olhares e provocações sussurradas. Quando o sinal bateu, estava pronta para dar o fora dali. Mas troquei um inferno por outro, trombando direto em Avery.

— Olha por onde anda — escarneceu.

— Desculpa, eu só...

— É, que seja. — Ele foi desviar para ir embora.

— O evento pré-jogo é esta noite, você vai? — As palavras saíram em uma tentativa desesperada para fazê-lo conversar comigo.

Claro que iria... era um evento pré-jogo para o *seu* time.

Ele olhou embasbacado para mim como se tivesse crescido uma segunda cabeça.

— É, vou. Não me diga que está pensando em ir? — Desprezo pingava das suas palavras.

— É, bom... para pesquisa. — Abaixei a cabeça, o coração batendo forte no peito. Seu ódio por mim escapava dele como um rio, me cobrindo até que me senti como se não pudesse respirar.

— Avery, sinto...

— Ainda não ferrou o suficiente com Chase, dedo duro? — O peso repentino do braço de Micah sobre meu ombro me faz retesar.

Meus olhos encontram os de Avery outra vez e o ar esfria na hora entre nós. Eu me preparei para sua réplica, mas ao invés disso ele rodopiou e foi embora.

— Merda, dedo duro, que porra você disse?

— Saia de cima de mim, Micah. — Eu o empurrei para longe de mim e joguei o cabelo por cima do ombro. — Você não precisa ser babaca o tempo todo.

— Disse a garota que nos ferrou sozinha. — Ele fez uma careta.

— Não vou fazer isso com você. — Eu fui desviar, mas ele pegou a alça da minha mochila e me puxou de volta.

— Não tão rápido, dedo duro. — Olhei para trás, arqueando uma sobrancelha, me recusando a mostrar nem mesmo um grama de

fraqueza. — Um pequeno conselho. — O canto da sua boca se curvou em um sorriso cruel. — Fique longe do Avery.

Até ano passado quando entrei para o esquadrão de torcida, nunca havia ido ao estádio de futebol antes. Parecia estranho voltar aqui para sentar na arquibancada. Os alunos ficavam longe de mim enquanto tentava encontrar um lugar, saindo do caminho ou se juntando com os amigos como se fossem pegar alguma doença contagiosa por terem algum contato comigo.

Não me incomodava. Não era bem uma garota sociável antes do jornal publicar o furo. Preferia minha própria companhia, lendo livros e assistindo documentários de crimes reais. Eu tinha amigos, meus colegas repórteres no jornal e os da biblioteca. Eu só não tinha amigos *próximos*. Exceto minha mãe. Ela era minha melhor amiga. Sempre foi, sempre seria.

Enfim encontrei um lugar no final de uma fileira. O cara do meu lado foi mais para perto dos amigos e balancei a cabeça.

— Você não vai pegar nada.

— Não sei, ouvi dizer que passou chato pro Micah Delfine.

— O quê? Eu não... — Fechei bem os lábios, me recusando a alimentar os rumores. Estava claro que Micah queria jogar sujo.

— Ele só está disfarçando o fato que não durou, se entende o que digo. Toda aquela conversa de vestiário do Micah Delfine durar a noite toda... — Acenei para o rapaz se aproximar, meus lábios se curvando com diversão. — Ouvi dizer que ele paga as líderes de torcida para espalharem rumores que é um coelhinho da Duracell na cama, mas está mais para um pato manco, se é que me entende.

— Ah, merda. — O cara explodiu em risada, se inclinando para contar para os amigos.

Sorri, satisfeita. Mas rapidinho meu sorriso desapareceu quando compreendi que havia cutucado a fera.

AVERY

A MULTIDÃO rugia meu nome conforme ia para o lado do Treinador.

Chase.

Chase.

Chase.

Enchia o campo de futebol como um grito de batalha, passando por mim como uma onda na direção da praia.

Mas sabia que no dia do jogo, seria dez vezes mais alto. Porque Rixon inteira apareceria para assistir o nosso primeiro jogo da temporada.

— Você contou para ele? — Treinador Ford me perguntou do canto de boca enquanto assistíamos o esquadrão de torcida fazer a rotina deles.

— Não, mas vou.

— Você tem até segunda. Não vou mentir para ele, Avery. É meu melhor amigo.

— E sou seu melhor jogador — opinei, recebendo um cutucão no ombro.

— Cuidado, garoto. Pode ser meu melhor jogador, mas não significa que vou pegar leve com você essa temporada. — Ele acenou para a arquibancada. — Vejo que Srta. Fuller veio.

— Não tinha percebido — resmunguei.

— Claro que não. Pode ter sido há anos luz, mas lembro como é ter dezessete anos.

— Mamãe me contou que você lutou contra seus sentimentos por Felicity pela maior parte do último ano.

— Sua mãe fala demais. Mas sim, era um babaca naquela época.

— Naquela época? Odeio te dizer, Treinador, mas você ainda é meio que um babaca.

Sua risada grave retumbou por ele, mas aí o esquadrão de torcida encenou o grande final, e todos os olhos voltaram para o time.

O técnico foi até o microfone e a multidão ficou em silêncio. Antecipação ondulava pelo ar.

— Rixon High — falou — estão prontos para jogar um pouco de futebol?

As arquibancadas explodiram, o coro de gritos e assobios nos atingindo como um campo de força. O resto dos caras se juntaram a eles, celebrando e batendo palmas, enquanto o mascote do time, uma cabeça de espuma enorme de um Viking, levava a multidão ao delírio.

— Tá bom, tá bom — Técnico ressoou. — Ano passado perdemos de lavada do Marshall, mas esse ano vamos trazer o troféu do campeonato para casa. E o cara que vai nos levar até lá... seu quarterback e capitão, Avery Chase.

Era um fardo pesado de se carregar, as esperanças e sonhos de todo professor, de todos os alunos em Rixon High, os pais e meus colegas de time. Mas o carregava com orgulho e honra. Ao me aproximar do microfone, um senso profundo de responsabilidade pesou em mim. Mas nada que valia a pena vinha fácil. Você precisava lutar com garras e dentes. Precisava firmar os pés e seguir em frente. Se meu pai e Técnico Ford me ensinaram alguma coisa, foi que não era sobre ser o melhor, era sobre ser melhor do que era ontem.

Na temporada passada, perdemos. Deixamos o campeonato escapular pelos nossos dedos. Mas nessa temporada, isso não era uma opção.

Precisava terminar em grande estilo, deixar minha marca e seguir os passos do meu pai.

Então, eu não iria insistir. Iria forçar meu time e a mim e nossos fãs...

E iria vencer.

Segui os rapazes saindo do vestiário e para o estacionamento do estádio. Estávamos indo para casa do Micah para a afterparty. Seus pais estavam fora da cidade e o irmão mais velho trabalhava em turnos, então ele ficava sozinho em casa a maior parte dos finais de semana, o que fazia sua casa o lugar preferido do time passar tempo.

— Ei, Chase, olha quem encontrei se esgueirando por aí.

Parei na hora, pavor inundando o peito enquanto via Micah levar Miley até mim. Ele estava com o braço em volta do pescoço dela como se fosse um dos rapazes.

— Dedo duro quer festejar conosco.

— Nunca disse isso — ela ralhou, dando uma cotovelada nas costelas dele. Micah deu um gritinho enquanto ela escapava de baixo do seu braço.

— Não, mas estava esperando por perto esperando para que saíssemos... — Ele esfregou a mandíbula, a analisando com olhos escuros. — Então tenho que me perguntar se estava esperando um convite ou se planejava nos seguir como a bisbilhoteira que é.

— Vai pro inferno — esgarneceu.

— O quê, assustada, dedo duro?

— Fui nas suas festas antes e elas são uma merda.

Surpresa estampou o rosto de Micah.

— Bom, você não estava fazendo direito. — Ele se aproximou dela, e minha coluna enrijeceu. — Porque minhas festas são épicas pra caralho.

Micah não era um cara mau; ele só não sabia quando deixar quieto. Ele amava a adoração dos fãs, o jeito que as garotas perdiam a cabeça por jogadores de futebol. Ele adorava a atenção e o poder. Vários rapazes adoravam, e eu não os culpava. Era outra coisa ser tão jovem e tão venerado e adorado. Aos olhos de Rixon, não poderíamos errar.

Como essa noite. Ninguém pensaria duas vezes na festa na casa do Delfine. Contanto que mantivéssemos sob controle, pais, adultos, até a polícia local estavam felizes em nos deixar fazer nossas coisas porque éramos os Raiders. E usar um uniforme significava alguma coisa.

— Olhe para ela, cara. Não quer ir na festa. Parece um peixe fora d'água — falei, me recusando a olhar para ela.

— Acho que quer — contrariou.

— Micah — um suspiro exasperado escapou dos meus lábios —, apenas deixe...

— Eu vou.

Minha cabeça se virou para encontrar o olhar semicerrado de Miley.

— Me desculpe?

— Você me ouviu.

— Sim, porra. Você e eu, dedo duro. Vai acontecer. Espero que saiba beber.

— Primeiro, não tem um “você e eu”, segundo, falei que vou na festa, não que vou ficar bêbada.

Micah passou o braço por cima do seu ombro outra vez e sorriu.

— Veremos. Vamos.

Minhas sobranceiras se juntaram enquanto o via guiá-la para o carro, me perguntando o que porra estava acontecendo.

Não queria ela na festa. Não queria ela em nenhum lugar perto de mim. Mas Miley entrou no carro dele, olhando para mim no último segundo. Ela não parecia confusa ou assustada... parecia determinada.

Parecia como uma garota em uma missão. Mas ela fora essa garota antes, e não acabou bem para ninguém.

Ainda mais para mim.

Até chegar na festa, Micah já havia feito Miley beber uma das suas misturas.

— O que está acontecendo? — sibilei, enquanto ela conversava com Ben e Petey.

— O quê? Só estou dando um pouco de acesso aos bastidores para ela. — Ele sorriu, deixando os olhos se voltarem para ela. — Ela é bem gostosa para uma nerd.

— Isso é uma má ideia — falei.

— Por que você ainda está puto com ela, ou por que você tem uma queda pela dedo duro?

— O que diabos, cara? — Refutei.

— Ah, vamos lá. Acha que não percebi o enorme pau na sua bunda desde a primavera passada? Alguma coisa aconteceu entre vocês dois?

— Nada aconteceu. E não saia espalhando essa merda. Ela me fodeu tanto quanto o resto de vocês, é tudo. Não a quero aqui porque não é o maldito lugar dela.

Um fio de percepção subiu pela minha coluna e o olhar de Micah passou sobre meu ombro.

Merda.

Ela estava atrás de mim, ouvindo todas as palavras. Quando me virei um pouco para encontrar sua expressão abatida, meu sangue virou gelo. Como era possível sentir tanta coisa por uma garota que mal conhecia? Mas estava conhecendo ela.

Foi meses atrás. A reportagem não saiu até pouco antes das férias de verão, mas Miley havia deixado o esquadrão de torcida muito antes disso.

— Acho que vou tomar outro. — Miley balançou o copo vazo para Micah e ele celebrou.

— Meu tipo de garota.

Pegando seu pulso, a puxei para fora da cozinha e pelo corredor silencioso e escuro. A maior parte dos adolescentes estava do lado de fora, curtindo o calor remanescente do verão.

— O que diabos, Avery? — Miley sibilou, puxando a mão para soltar.

— O que diabos você está fazendo?

— Estava curtindo até você me interromper bruscamente.

— Que jogo você está jogando? — Estudei seu rosto. Lábios carnudos em forma de coração, um nariz de botão cheio de sardas e olhos cor de mel que olhavam direto por mim. Ela era bonita, até mesmo linda, mas sabia que era uma cortina de fumaça para a cobra traiçoeira que era na realidade.

— Fui convidada.

— Mas por quê? Por que você iria querer vir aqui e estar em uma festa na qual ninguém te quer?

— Micah me quer...

— Micah quer te deixar bêbada e depois te fazer passar vergonha.

— Raiva passou por mim, não só com ela, mas também com o que havia dito.

Micah me quer.

Ele não queria, sabia disso. Mas não duvidaria que tentasse alguma coisa com ela só para espalhar um rumor cruel na escola segunda-feira.

Soltei um suspiro frustrado.

— Deveria ir antes de deixar as coisas mais difíceis para você.

Ali estava aquela expressão abatida outra vez. Que direito ela tinha de se sentir magoada quando ela traía completamente a mim e ao time?

— Você me odeia, eu entendo. Mesmo. — Ela respirou, trêmula. — Mas ainda preciso escrever essa reportagem, e não vou desistir. Nunca.

— Bom, mas talvez devesse. — Eu a fuzilei, o ar estalando entre nós.

Nesse momento, alguns rapazes cambalearam pelo corredor, me empurrando direto na Miley. Minhas mãos foram para seus ombros automaticamente, a equilibrando conforme íamos de encontro a parede.

— Obrigada — coaxou, os olhos indo para a minha boca. Meu pau pulsou, mais do que pronto para seguir com o que estivesse acontecendo entre nós. Eu me aproximei, pressionando as linhas do meu corpo contra o dela. A respiração de Miley falhou, os lábios se abrindo com um suspiro suave.

— Avery? — disse, meu nome um sussurro rouco.

Meu coração batia forte no peito, as mãos suadas e tremendo. Meu corpo se lembrava; o maldito negócio caprichoso se lembrava como era tê-la tão perto. Perto o bastante para beijar... para provar.

— Avery? — repetiu, se inclinando o bastante que senti seu hálito marcado pelo destilado.

Eu não queria beijá-la.

Não queria nem *pensar* em beijá-la.

Mas eu não conseguia me impedir. Ela me atraiu como gravidade até meus lábios roçarem os dela em um toque leve como uma pluma que a fez estremecer.

— Miley. — Seu nome se formou na minha língua, mas aí a música explodiu pela casa, me arrancando do momento. Cambaleei para trás, piscando para ela. Uma expressão decepcionada a tomou.

— Você precisa ir — vociferei antes de sair pelo corredor.

— Para onde você foi? — Micah sorriu enquanto fui direto para o cooler e peguei uma cerveja.

— Para dizer a ela que desse o fora daqui, por quê?

— Por nada. — Seus olhos dançavam com divertimento, mas não fiquei por perto para ser mais interrogado. Saí, me esgueirando por seu imenso quintal e encontrei um lugar calmo perto da fogueira.

Não demorou muito antes de uma garota me procurar.

— Oi, Avery. Por que está sentado aqui sozinho? — Kendall Novak se sentou no meu colo como se fosse minha dona. Passando o braço pelo meu pescoço, ela se inclinou um pouco para frente, me dando uma visão privilegiada do seu decote impressionante.

Kendall era uma líder de torcida. Ela não era a capitã, mas todo mundo sabia que era a favorita. E estava de olho em mim desde que me tornei o primeiro quarterback no primeiro ano. Mas eu não namorava. E especialmente não namorava garotas como Kendall. Eram grudentas demais, carentes demais, e depois que enfiavam as garras em você, elas se tornavam uma coceira da qual não conseguia se livrar. Eu não tinha tempo, nem energia, para isso.

Mas aquilo não significava que meu pau não queria um gostinho. Ela era gostosa para caralho e eu tão tarado quanto qualquer rapaz.

— Avery? — Ronronou, chamando minha atenção.

— Só relaxando — falei, ciente do seu corpinho gostoso pressionado contra o meu nos lugares certos. Se ela rebolesse, seria como se estivesse se esfregando no meu pau.

Risada encheu o ar enquanto o Micah e o resto dos caras saíam para o quintal, Miley ainda enfiada sob seu braço.

— Sério, qual é a do Micah com a dedo duro?

— Nem ideia — falei entredentes. Ela ainda parecia um peixe fora d'água.

Por que caralhos ela ainda estava aqui?

Como se tivesse me ouvido, seus olhos vieram na minha direção, se arregalando quando viu Kendall. Sem pensar, passei o braço pela cintura dela e levei os lábios para seu pescoço, sem tirar os olhos de Miley ao beijar sua pele macia.

Mesmo do outro lado do quintal, vi sua respiração falhar. Mágoa lampejou por seu rosto, e por um segundo, me senti triunfante. Até ela ir na direção da piscina com Micah.

O que diabos ele estava fazendo?

E mais importante, o que diabos ela estava fazendo?

MILEY

EU COMETI UM ERRO.

Quando Avery deixou claro que não me queria na festa, finquei os pés e aceitei o convite de Micah. Mas agora estava observando Avery se aproximar de Kendall Novak enquanto eu fingia que podia festejar como um deles – os descolados, os populares, o pessoal que passei a vida inteira evitando – tudo ao tentar manter controle dos meus reflexos.

Mas eu me sentia um pouco estranha. Só tinha bebido um ou dois drinques logo que chegamos, e Micah os deu direto para mim. E comi um punhado dos salgadinhos na bancada enquanto escutava eles conversarem da temporada que se aproximava. Então não era como se estivesse bebendo de estômago vazio.

— Está quente aqui fora — falei, puxando a mão de Micah. Sabia que era provável que ele estava armando algo grande para mim, mas não podia recuar. Não agora.

— Deveria tirar o suéter — sugeriu.

— Boa ideia. — Eu o tirei e coloquei no encosto de uma espreguiçadeira do jardim. Adolescentes estavam espalhados pelo quintal, agrupados e conversando e dançando, enquanto outros jogavam polo aquático na piscina.

A água parecia tão convidativa, ondulando e brilhando sob o luar.

— Melhor? — Micah roçou um dedo pelo meu ombro e um arrepio passou por mim. Seu toque era bom, confortante. Ele deveria ser o cara mau, não era?

Avery era o bonzinho. Era o líder, o calmo e equilibrado capitão. Só que, quando olhei para ele, estava praticamente dando amassos na Kendall.

Meu estômago afundou.

Ele a estava beijando...

Não vim aqui para que ele a beijasse, vim para que me beijasse.

— Ei, Miley, vem conhecer um pessoal. — Micah me chamou e abafei os pensamentos de Avery.

— Oi. — Sorri, as bochechas doloridas.

— Você conhece Christina e Thea. Aqueles são Jordan, Kercher e

Sam.

Ergui a mão em um pequeno aceno.

— Oi.

— Não achei que fosse te ver por aqui outra vez. — Christina olhou feio para mim.

— Todos merecemos uma segunda chance, né? — Soltei uma gargalhada, os cinco olhando para mim com uma mistura de confusão e diversão.

— Deveria pegar leve, babe — Micah sussurrou.

Uma música tocou no sistema de som e dei um pulinho no lugar.

— Eu amo essa música. — Meus quadris começaram a se mover e senti meus membros seguirem. Não costumava dançar, mas parecia que não conseguia ficar parada. Gotas de suor escorriam pelas minhas costas e entre meu decote enquanto ficava na borda da piscina, dançando no meu mundinho.

— Micah, dança comigo — gritei.

— Ah, estou bem. — Ele sorriu. — Só curtindo o show.

Dei de ombros, deixando a música me carregar para outro lugar. Não me sentia tão livre há muito tempo. Meu corpo estava relaxado e meus pensamentos preguiçosos. Qualquer que fosse a cerveja que estavam servindo, era da boa porque eu me sentia ótima.

— Você parece estar com calor, Miley. Deveria tirar a camiseta.

— Você acha? — Minhas sobrancelhas se juntaram. Deu uma sensação estranha no rosto e toquei um dedo nas bochechas.

— Sim, babe. Todas as garotas estão de biquíni, olhe. — Ele acenou para a piscina, e com certeza, a maior parte das garotas sentadas na beirada estavam seminuas.

— Não tem problema, babe. — Micah me deu um sorriso tranquilizador, e antes que percebesse, estava tirando a camiseta. A multidão celebrou, e corei da cabeça aos pés, mas estava tão quente, e não queria terminar toda suada antes do final da noite.

O ar estava agradável e ótimo na minha pele aquecida, amassei a camiseta e joguei para Micah.

— Aí sim! — Ele assobiou, incitando a multidão outra vez. Não sabia do que estavam rindo ou celebrando. Mas eu não ligava. Tudo parecia muito bom. Eu me sentia muito bem.

— Que porra é essa? — Uma voz explodiu e olhei em volta para encontrar Avery marchando na nossa direção.

Ele parecia puto; a mandíbula sexy apertada enquanto os olhos fuzilavam Micah.

— O que diabos você está fazendo?

— Ela estava com calor. — Micah deu de ombros.

— Coloque a camiseta. — Avery a pegou do amigo e segurou para mim.

— Mas todas as garotas estão...

— Apenas coloque, Miley.

— Relaxa cara, estávamos apenas nos divertindo um pouco. Não é, dedo duro?

Meu peito apertou.

Dedo duro.

Isso é o que eles me chamavam antes...

— Você me chamou de dedo duro — falei, colocando as mãos nos quadris. — Não é algo muito legal de se chamar a amiga e pensei que éramos amigos agora.

— Não, baby, nunca fomos amigos. Só pensei que você deveria provar um pouco do próprio remédio.

Eu semicerrei os olhos. O rosto dele estava estranho. Tudo estava meio estranho. Rostos alongados e trêmulos, as árvores se tornando gigantes enormes ao fundo. Pisquei, rápido, tentando fazer tudo parar.

— Eu não me sinto tão bem.

— O que você deu a ela?

— Apenas alguns comestíveis...

— Você é um verdadeiro idiota as vezes.

Avery passou o braço pela minha cintura, me equilibrando. Mas de repente fiquei enjoada, como se estivesse rodando no gira-gira do parque.

— Não me sinto muito bem — repeti.

— Vem — falou —, vamos te tirar daqui.

— Chase, cara, deixa disso, foi só uma brincadeira.

— Maldito babaca.

Eu me apoiei do lado de Avery, meu estômago revirando.

— Acha que consegue chegar no meu carro? — Foi a última coisa que ouvi antes de me inclinar e vomitar no meu corpo.

A volta para minha casa foi em silêncio. Depois que vomitei tudo o que tinha no estômago, Avery encontrou uma garrafa de água e algumas toalhas de papel e consegui me limpar o bastante para ir embora.

Eu me sentia péssima. Minha cabeça e barriga doíam muito, mas Avery me garantiu que passaria até amanhecer.

— Como você está?

— Vou viver. — Não podia olhar para ele. Ele me viu daquele jeito, na maior brisa, dançando de sutiã para uma plateia que estava rindo de mim.

Deus, eu era uma idiota.

— Você não deveria ter vindo hoje.

— Você acha que não sei disso? — sibilei.

— Então, por que veio?

— Não sei. — Meus ombros se ergueram um pouco e dei uma olhadinha para ele. Ele estava bonito para caramba no uniforme dos Raiders e boné virado para trás. E eu estava uma bagunça.

— Acho que sabe.

— Tá bom. Quer saber a verdade? Vim porque sei que errei. Eu entendo, tá? Pensei que se você me desse uma chance de explicar, talvez nós pudéssemos...

— Não tem um “nós”, Miley. — Ele parou na frente da minha casa e desligou o motor. — Você precisa aceitar isso. Qualquer coisa que aconteceu entre nós no segundo ano, foi um erro.

Sabia que havia machucado Avery, traído sua confiança, então acho que deveria ter estado preparada para suas palavras cruéis, mas não conseguia compreender o que ele estava dizendo. Porque eu ainda sentia. Ainda sentia a conexão entre nós todas as vezes que ele estava perto.

E ele... não?

— Você não está falando sério — sussurrei, as palavras embargadas.

— Sim. — Exalou para se acalmar. — Estou. Você mentiu para mim durante meses, me deixou pensar que era outra pessoa. Que era essa garota inteligente, engraçada e legal, determinada a desafiar os próprios limites e tentar coisas novas. Eu me apaixonei por você, Miley, e você me traiu.

— Você se apaixonou por mim? — Esperança desabrochou no meu peito.

— Não, eu me apaixonei por aquela garota. A que você fingiu ser. Não me apaixonei por você.

— Ah. — Deus, isso doía.

Doía tanto.

Passei o verão inteiro tentando descobrir um jeito de me redimir com Avery. Fiz lista atrás de lista, planejei todos os jeitos que o faria ver que o que compartilhamos foi real.

Mas não importava. Percebia isso agora.

Ele não me queria. Nunca quis. Ele queria a garota que me tornei quando estava disfarçada. A líder de torcida com uma confiança sutil, que queria aproveitar ao máximo o segundo ano.

Eu surpreendi todo mundo nos testes ano passado. Metade das garotas nem me reconheciam, alguém com quem estudavam há dois anos. Mas isso só me ajudou. Ninguém prestava atenção em mim antes, então podia criar minha própria história. Pude me aproximar delas e me tornar a nova amiga interessante.

E funcionou.

Mas não pensei que iria me aproximar do quarterback estrela. Aconteceu por acidente. Um dia, eu cheguei mais cedo para o treino e ele estava passando jogadas com o técnico no campo de futebol. Eu o ouvi dizer para o técnico que estava com problemas na aula de inglês e me ofereci para ajudar.

Avery não queria que ninguém soubesse, então por quase seis meses, estudamos em segredo. No começo, foi a desculpa perfeita, uma chance para conhecer de verdade o garoto de ouro da Rixon. Até a primavera chegar, e o prazo da reportagem também, eu havia começado a dar desculpas para faltar nos nossos compromissos.

E aí, um dia, ele me beijou.

Avery Chase me beijou.

Estava tão chocada, tão confusa... que eu fiquei sentada lá abobalhada.

Eu nunca respondi suas mensagens depois disso. Porque a verdade era, eu me apaixonei por ele. Eu me apaixonei pelo meu alvo. E era tão clichê, tão ridículo, que tentei fingir que nunca aconteceu.

Até o último jornal correr pelos corredores da escola.

Deus, eu ainda me lembrava de ver Avery logo após a publicação. A raiva em seus olhos. A decepção amarga. Era a conversa da escola.

Eu era o assunto da escola.

E Avery olhou para mim com puro nojo.

— Olha, algo me diz que o técnico não vai deixar nenhum de nós se safar disso, então vamos declarar uma trégua. Vou controlar os caras, se você prometer que não vai ter mais nenhum espetáculo.

— Posso fazer isso.

Precisava dar o fora desse carro. O ar estava pesado demais, e me sentia enjoada outra vez.

— Você está bem, parece um pouco verde outra vez?

— Estou bem — falei, rápido, pegando a maçaneta. — E obrigada por esta noite. Não vai acontecer de novo. De agora em diante, não serei nada além de profissional.

— Fico feliz em saber.

— Bom, então te vejo por aí.

— Sim. — Um silêncio desconfortável se seguiu, e eu não conseguia aguentar mais nem um segundo, então eu abri a porta e cambaleei para fora...

Arrastando meu coração que murchava comigo.

Depois disso, mantive distância.

A escola na segunda depois do meu espetáculo induzido por comestíveis foi interessante. Eu entrei no prédio com um aplauso alto

e gritos de “tire a roupa para mim, dedo duro”.

Mas depois que a risada diminuiu, Avery, como prometido, manteve o time sob controle. Eu assistia os treinos e entrevistava alguns dos novos jogadores a respeito das suas experiências até o momento. O Técnico me deu um monte de gravações de jogos para assistir e disponibilizou a equipe para entrevistas. Avery me evitava como se fosse contagiosa, e eu fazia o mesmo com ele.

Depois de sua confissão, meu coração estava mais magoado do que nunca.

— Como está a reportagem? — Sr. Jones me perguntou ao entrar na sede do Rixon Riot na tarde de quinta. Estava terminando as anotações do dia.

— Está... progredindo. Mais algumas semanas e terei bastante coisa para escrever. — Enfiei tudo na mochila.

— É isso o que quero ouvir. Se queremos publicar uma edição no Homecoming, vou precisar do rascunho final em duas semanas.

— Pode deixar, senhor.

Ugh. Homecoming. O evento social do ano que comemorava futebol e espírito escolar.

Pelo menos a reportagem seria terminada até lá, então não precisaria ir para coletar informações.

— Agora vai, saia daqui. Deve ter coisas mais interessantes para fazer numa tarde de quinta do que ficar aqui. — Ele sorriu.

— Sim, coisas interessantes.

Estava claro que ele não ouviu os rumores da minha animação na festa. Mas adolescentes eram assim, bons em esconderem as coisas. Rumores, brigas, festas... tinha alguma coisa subentendida que dizia que o que acontecia entre adolescentes ficava entre adolescentes.

Abri a porta com o ombro e saí no corredor. A escola já estava quase vazia. Quase tinha chegado nas portas principais quando ouvi um grito do banheiro feminino.

Sem pensar, entrei correndo.

— Lily? — falei, olhos arregalados com horror enquanto via uma gangue de garotas se afastarem lentamente dela.

— O que fizeram com ela? — Eu ralhei.

— N-nada — uma delas respondeu. — Estávamos só... conversando, e ela começou a puxar o cabelo e gritar pra nós.

— Elas te machucaram? — Saiu mais suave ao encontrar o olhar da Lily. Ela balançou a cabeça, mas não gostava do medo em seus olhos.

— Você — aponte o dedo para a líder —, — qual é seu nome?

— Por que preciso te dizer?

Peguei o colarinho da sua blusa.

— Eu disse, *nome*.

— L-Lindsey Filmer.

— Se ela estiver machucada, vou garantir que Diretor Kiln fique sabendo disso.

— Estamos apenas brincando Não foi...

Lily começou a soluçar outra vez e me aproximei, me colocando entre ela e as garotas.

— Saíam daqui, todas vocês.

Elas deram o fora, deixando o banheiro em um silêncio pesado. O rosto de Lily estava abaixado enquanto puxava o cabelo com força.

Eu me abaixei e coloquei as mãos com gentileza nas dela.

— Lily — falei, baixinho. — Olhe para mim.

Ela ergueu os olhos para mim devagar.

— Elas se foram, veja. Somos só nós duas.

— E-elas se foram?

— Sim. Agora, você quer me dizer o que aconteceu?

— Eu... — Ela hesitou e lhe dei um sorriso tranquilizador.

— Não tem problema. Você não precisa me contar nada. Tem alguém que possa chamar? Ashleigh?

Eu havia visto ela com irmã de Avery.

— Saiu mais cedo para uma consulta odontológica.

— Sua mãe?

Lily mordiscou o lábio inferior, balançando um pouco a cabeça.

— Avery está no treino. Posso ficar com você até eles terminarem?

— Tá bom.

Eu me levantei e estendi a mão para ela. Lily a pegou e me deixou puxá-la para cima. Parecia melhor agora, mais calma. Mas ela estava com tanto medo logo que cheguei, acovardada contra a parede, tentando desaparecer. Sabia que as garotas podiam ser cruéis, mas algo me dizia que a história era mais complicada do que ela estava disposta a contar.

AVERY

ESTÁVAMOS OUVINDO o treinador nos dar uma bronca enorme devido ao nosso jogo desleixado quando vi Miley e Lily próximas às arquibancadas. Alguma coisa estava errada. Para duas garotas que, até onde eu sabia, não se conheciam, estavam paradas um pouco perto demais. Lily olhou na nossa direção e balançou a cabeça antes de sair de vista.

Estranho.

— Certo, pro banho — Treinador disse. Mas não fui para o vestiário, ao invés disso, corri até Miley.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Teve um incidente.

— Incidente, que tipo de incidente? — Inclinei o pescoço para tentar ver Lily atrás de Miley, mas ela estava se escondendo nas sombras.

— O que caralhos aconteceu? — Saiu mais duro do que tive intenção, culpa apunhalando meu peito. Mas depois de quase uma semana evitando Miley, não esperava vê-la.

— Eu a encontrei no banheiro feminino. Estava chorando, puxando os cabelos... Tinha um grupo de garotas. Acho que não a machucaram...

— Porra. — Passei a mão no queixo. — Deveria chamar o pai dela...

— Não. Ela surtou no caminho. Disse que não queria que ele descobrisse. Mas eu não sabia o que mais fazer.

— Você fez a coisa certa. Pode ficar com ela até pegar minhas coisas? Vou demorar uns dez minutos, no máximo quinze. — Eu olhei por cima do ombro. O Técnico não estava por perto, mas não queria mentir na cara dele. Então tinha que rezar para que já estivesse enfurnado no escritório.

— Claro. — Ela sorriu.

Miley sorriu e foi como um soco na barriga.

— Diga a Lily que serei o mais rápido que posso e vamos resolver isso, tá bom?

— O que aconteceu com ela?

— É uma longa história. Mas obrigado... por fazer isso.

Ela assentiu, os olhos brilhando com emoção indecifrável.

— Me encontre no estacionamento em quinze minutos.

— Tá bom. — Miley ficou vendo eu me afastar. Não queria ir. Queria ir até Lily e descobrir o que diabos tinha acontecido, mas respeitava seu desejo de que o pai ainda não descobrisse. Isso não acabaria bem para ninguém.

Atravessei o campo correndo e fui até o vestiário. Por sorte, não tinha sinal do técnico.

— Vi você falando com a dedo duro — Micah disse. — O que ela queria?

— Deixa quieto. — Eu dei um olhar duro a ele e fui desviar até a minha parte do vestiário, mas ele colocou a mão no meu peito.

— Vamos, cara. Sei que você não está mais bravo por causa da festa. Foi uma piada.

— Você deu comestíveis para ela de propósito. Não foi legal, babaca. Imagine se algum babaca fizesse isso com sua irmã.

— Mas ela não é... sua irmã.

— Que seja, Micah. Preciso pegar minhas coisas. — Passei por ele e troquei rápido de roupa. O banho precisaria esperar.

— Com pressa, Chase? — Um dos caras riu.

— Preciso cuidar de uns problemas de família.

Porque apesar de Lily não ser minha irmã, era família. E depois de tudo que ela passou, precisava de mim.

Miley e Lily estavam esperando no meu carro.

— Você viu meu pai? — Ela falou rápido.

— Relaxa, Lil, ele estava trancado no escritório.

— Bom, isso é bom.

Mas pelo jeito que ela estava puxando o cabelo, sabia que não era bom.

— Vou dar uma carona para sua casa e...

— N-não, ainda não. Vou ficar bem, só preciso de um tempo para me acalmar.

— Então, onde você quer ir? Ashleigh não vai estar em casa por um tempo.

— Sorvete. Poderia tomar sorvete.

— Certo, podemos parar no Ice T.

— Vou só... — Miley apontou para um lugar qualquer. — Tchau, Lily. — Ela deu um pequeno aceno.

— Você não vem? — Os olhos de Lily se arregalaram.

Caralho.

Eu gemi internamente. Isso não podia estar acontecendo.

— Bom, não, não ia... quero dizer, não tenho certeza que Avery me quer lá.

— O quê? — Por que não?

— Não tem problema — resmunguei. — Você pode vir.

— Você tem certeza? Eu não quero...

— Por favor — Lily acrescentou. — Gosto de você. Não faz muitas perguntas e é gentil.

— Acho que poderia tomar um pouco de sorvete.

— Obrigada — Lilly a arrastou para o banco de trás e as duas entraram enquanto eu ia para o lado do motorista.

Não foi assim que imaginei passar a noite antes do meu primeiro jogo da temporada, mas era Lily. Não podia apenas abandoná-la.

Demoramos menos de dez minutos para chegar no Ice T e encontrar um lugar para estacionar. As garotas ficaram quietas no caminho, então foi um alívio sair do carro e respirar um pouco de ar puro.

— Menta com gotas de chocolate, Lil? — perguntei conforme nos aproximávamos da porta.

— Com granulado.

— Com granulado. — Eu ri. Ela comia o mesmo sabor de sorvete desde quando podia me lembrar. Nossos pais costumavam nos trazer aqui o tempo todo quando éramos crianças. Tomávamos conta da pequena sorveteria: eu e Ashleigh, Lily e Poppy, e os gêmeos Bennet e Ezra.

Abria a porta e ela desapareceu para dentro. Meus olhos foram para Miley e suas bochechas ficaram coradas.

— Ah, depois de você — falou.

— Pode ir. — Acenei para que entrasse e ela passou por mim, o corpo roçando no meu.

Caralho. O seu toque, por mais leve que fosse, me afetava. De um jeito que não queria sentir.

Disse para as garotas encontrarem uma mesa e fui para a fila, me preparando para a onda de comentários.

— Oi, Avery, *está bem nesta temporada.*

— *Vai trazer o campeonato para casa?*

— *Vai, Raiders.*

Não era nada que não ouvi uma centena de vezes antes, mas parecia diferente com Miley aqui, me observando interagir com os fãs.

Duas crianças pediram para a mãe tirar uma foto comigo e abaixei, as abraçando dos meus lados.

— Falem xis — falei, e um deles bufou.

— Não quer dizer digam “vai Raiders”?

— Tá bom, o que quiser, mocinho. No três. Um... dois...

Eles gritaram “Vai Raiders” a plenos pulmões, fazendo a sorveteria inteira rir.

— Obrigada — a mãe disse. — Você é o ídolo deles.

— Obrigada, madame.

Por sorte, eu era o próximo, e o atendente foi super rápido com meu pedido.

— Isso foi legal — Miley disse quando cheguei na mesa. — Isso acontece muito?

— Não...

— O tempo todo — Lily opinou, enfiando a colher no sorvete verde claro. — Ele é quase uma celebridade.

— Lil. — Revirei os olhos.

— Tenho quase certeza que vi aquelas garotas roubarem uma foto sua quando não estava vendo. — A sobrançelha de Miley arqueou com diversão.

— Acontece. — Dei de ombros, atacando meu sorvete.

— Então, você dois são amigos? — Lily perguntou, e quase engasguei no meu sorvete de caramelo.

— Nós... hm, é complicado. — Miley abaixou a cabeça, mas consegui ver o lampejo de dor em seus olhos.

— Aaahh, vocês ficaram?

— Lily! — Meus olhos se arregalaram.

— O quê? — Seus ombros se ergueram. — É só uma pergunta e vocês são estranhos um com o outro. Ashleigh disse que nunca teve uma namorada antes. Quer que Miley seja sua namorada?

— Jesus — resmunguei baixo. Miley abafou uma risada baixa crescendo no peito.

— Estou feliz que você está se sentindo melhor — ela disse para Lily. O jeito que ela lidou com a filha do Técnico, com paciência e compaixão, foi impressionante.

Lily era uma criança estranha; sempre foi. Se ela te conhecia, não parava de falar, mas se estava conhecendo ela pela primeira vez, as chances eram que ela não daria um pio.

Mas não com Miley. Ela gostava de Miley.

— Você quer me dizer o que aconteceu? — perguntei, rezando que não precisasse falar com o técnico.

— Não foi nada de mais. — Os olhos de Lily foram para a tigela e mexeu a colher pelo sorvete que derretia.

— Lil, não posso ajudar se não me disser o que aconteceu.

— Algumas garotas me emboscaram no banheiro feminino. Não fizeram nada... só estavam me fazendo todas aquelas perguntas. Sobre papai... você... o time. Mas elas me cercaram e eu não consegui pensar. E continuaram a perguntar, e perguntar... e ficou mais alto e meu coração começou a bater mais forte...

— Ei. — Miley colocou a mão sobre a de Lily. — Não tem problema. Você está bem agora.

— O-obrigada.

— Quem eram aquelas garotas?

— Ah não, não quero arrumar problema pra ninguém. — Seus olhos foram até Miley, medo brilhando ali.

— Lil, se alguém está te importunando, precisamos contar pro seu pai...

— Não! Ele vai falar com Diretor Kiln e aí vou ser uma deda duro e tudo vai piorar.

Miley recuou.

— Vou no banheiro. Já volto. — Ela se afastou rápido e Lily fez uma careta.

— Ela está bem?

— Sim, está. Estou mais preocupado com você. Que tal se fizermos um acordo? Você promete falar com Sra. Bennet, e não vou contar para seu pai.

— Eu não sei... ela não vai precisar contar para ele?

— Ela é a conselheira escolar, Lil. Está lá para te ajudar. E se pedir para não contar para seu pai, ela não vai.

— Vou pensar nisso.

— Bom. E se você mudar de ideia e quiser me contar quem foi, vou falar com elas. Vão me escutar.

— Ah, meu Deus, sua cabeça acabou de crescer três tamanhos. — Ela beliscou meu braço, e soltei uma risada explosiva.

— Obrigada — falou, me dando um sorriso fraco. — Por fazer isso.

— Sempre que precisar, Lil. Você sabe disso.

Miley escorregou na cadeira.

— Tudo certo aqui?

— Sim — falei, sentindo a tensão remanescente entre nós voltar.

Mas só aumentou quando Lily olhou para Miley e disse:

— Você quer ir no jogo comigo amanhã?

— Ah, não posso, não comprei um ingresso.

— Meu pai é o técnico, tenho certeza que pode te conseguir um.

— Lil — avisei. Ela estava tentando bancar o cupido e seria fofo se não fosse o fato que todas as vezes que pensava em beijar Miley – e pensei muito nisso desde que chegamos no Ice T – me lembrava da sua traição.

— Agradeço a oferta, mas não posso ir. Não amanhã.

— Talvez outro dia, então?

— É, talvez. — Miley encontrou meu olhar, mas desviou rapidinho.

— Pronta para ir para casa?

— Sim, eu acho.

— Então vamos.

Fomos até meu carro, mas Miley hesitou.

— Posso andar.

— Nem pensar. Avery pode me levar para casa primeiro e depois te levar, não pode?

— Não tem problema. Vou andan...

— Entre no carro — suspirei.

— Não quero ser um incômodo.

— Miley, apenas entre na porra do carro. — gritei, abrindo a porta. Ela entrou. Quando Lily foi passar por mim, a preendi com um olhar firme. — Precisa parar.

— Não estou fazendo nada. — Ela sorriu.

— Você sabe muito bem o que está fazendo, e não é legal.

— Eu não tenho ideia do que você está falando. — Pro inferno que não tinha.

Lily entrou no carro e bati a porta atrás dela, me perguntando como podia dominar o campo de futebol e enfrentar alguns dos maiores jogadores de defesa do país e levar sermão de uma mocinha do nono ano.

MILEY

— ELA É UMA GAROTA DOCE — falei, vendo Lily sair na direção de casa. Ela parou na varanda e olhou para trás, acenando para nós.

— Ela é irritante — Avery resmungou. — Igual minha irmã. As duas juntas... aí você precisa se preocupar de verdade.

Trocamos uma risada baixa. Passei meses observando Avery de longe, depois estudando com ele. Mas ele sempre foi um livro fechado. Eu não o havia *visto*. O cara sob as ombreiras e capacete.

Não até ser tarde demais.

— Ela estava bem assustada quando a encontrei — falei.

— Você sabe quais garotas foram?

— Peguei um dos nomes, sim.

— Bom — falou. — Vou precisar que me diga.

— Avery, Lily disse...

— Sei o que ela disse, Miley, mas é só uma criança. E aquelas garotas, pensam que só porque é a filha do Jason Ford podem usá-la, ou importuná-la, ou passar por cima dela para chegar nele.

— E você? — perguntei.

— Sim, e eu. É loucura, eu sei. Mas precisa entender uma coisa sobre essa cidade, futebol é a força vital que move tudo.

— Você acha que não sei disso? — Foi um dos motivos que escrevi o furo. A associação de pais e mestres, Diretor Kiln, até o departamento de polícia local, todos estavam cegados pelo apelo do time. Os jogadores de futebol dos Rixon Raiders não podiam errar aos olhos deles, enquanto o resto de nós meros mortais ficávamos sentados assistindo.

Não era justo. Pelo menos, não pareceu justo ano passado quando me tornei uma deles. Parte do sistema. Ser uma líder de torcida te dava uma certa quantidade de status social. Não era o mesmo que ser um jogador de futebol, mas havia me dado uma posição privilegiada.

Agora... agora não sabia o que pensar. Os caras davam duro no campo, muito duro, e para alguns jogadores, futebol era a única chance deles de irem para faculdade. Porque sem uma bolsa esportiva, eles não tinham nada. Mas ainda não justificava colocar o time em um pedestal e deixar que quebrassem as regras que o resto de nós

precisava seguir.

Ele soltou uma respiração controlada.

— Esqueça que disse qualquer coisa.

O silêncio era desconfortável. Denso e sufocante. Sabia que ele me odiava, odiava tudo o que eu era, tudo o que representava. Mas ele não sabia o quanto me arrependia do que aconteceu entre nós, porque não me deu a chance de explicar.

Conte para ele enquanto não pode escapar.

Passsei as mãos nas coxas, tentando criar coragem. Não era como se ele pudesse ir para algum lugar, e parte de mim sabia que se não contasse para ele agora, poderia nunca ter a chance.

— Você sabe como futebol significa tudo para você...

— Sim?

— Bom, escrever significa tudo para mim. Estou decidida em ir para Northwestern desde que posso me lembrar.

— Não sei o que isso tem a ver comigo. — Seus olhos deslizaram para os meus, confusão enrugando sua testa.

— Só estou dizendo... você faria qualquer coisa para vencer, certo? Qualquer coisa para garantir que o time saia vencedor? Bom, faria qualquer coisa para... para garantir que eu ganhe, quero dizer.

Ele soltou um suspiro frustrado.

— Não é a mesma coisa, Miley.

— Sinto muito.

— É, eu também.

Não falamos mais. Avery estava distraído com seus pensamentos, e estava ocupada demais querendo que o banco me engolissem.

Estraguei tudo.

Qualquer chance que tinha com Avery desapareceu quando o furo foi publicado. Escolhi meu futuro sobre qualquer outra coisa.

Mas como era o ditado? Você não sabe o que perdeu até não ter mais?

Estava começando a pensar que tinha mérito nisso.

Ele enfim parou na porta da minha casa.

— Bom, aqui estou — falei.

Ele franziu os lábios.

— Acho que vou só... — Apontei com o polegar para minha casa.

— Boa sorte no jogo amanhã.

— Obrigado.

— Te vejo por aí, então.

— Tá bom.

— Tá bom.

O ar estalou entre nós. Os olhos dele focaram nos meus lábios outra vez e me perguntei como seria beijá-lo. Ele me afastaria ou me puxaria mais perto?

— Pelo menos não vai demorar até que entregue meu artigo. — Eu ri, mas saiu tenso. — E aí você nunca vai me ver outra vez.

Seus olhos se fecharam.

— Avery? — coaxeí.

Mas aí ele estava em mim, as mãos afundadas no meu cabelo, me beijando. Minhas mãos se enrolaram no seu uniforme, o puxando mais perto, fogos de artifício explodiam na minha barriga.

Avery estava me beijando.

E era tudo.

Sua língua se curvou na minha enquanto seus lábios me devoravam. Ele tinha um gosto tão bom, de caramelo e chocolate. E eu nunca queria emergir por ar.

Devagar, ele se afastou, apoiando a cabeça na minha enquanto recuperávamos o fôlego.

— Isso foi incrível. — Dei um sorriso tão largo que minhas bochechas doíam. Sentindo-me confiante, me aproximei e rocei os lábios nos seus outra vez.

Mas ele não me beijou de volta.

Meu estômago afundou até os dedos dos pés. Não outra vez. Ele não faria isso...

— Avery? — Minha voz falhou. Senti seu hálito quente no meu rosto, seu cheiro enjoativamente doce nos lábios.

— Você deveria ir.

Eu me afastei como se tivesse me batido.

— Mas pensei...

— Pensou errado. — A expressão dele endureceu. — Isso foi um...

— Erro. Sim, entendi da primeira vez. Sabe? — Respirei fundo, tentando engolir as lágrimas subindo pela garganta. — Sei que fiz algo muito errado com você, Avery. E se pudesse, voltaria atrás...

Ele olhou para mim sem expressão, e sabia que o havia perdido. Ele me odiava demais para deixar o passado para trás.

— Você está certo, isso foi um erro. — Abri a porta do carro e sai cambaleando.

— Miley, espera... — Avery me chamou, mas não olhei para trás. Eu não podia. Ele pisoteou meu coração outra vez, e apesar de saber que era só o que merecia, não impediu as lágrimas de escorrerem.

Os Raiders ganharam. Era a única coisa que estavam falando na escola segunda. Passava pelos corredores invisível enquanto os alunos ainda curtiam a vitória.

— Miley — uma voz me chamou, e olhei por cima do ombro para ver Lily e Ashleigh se aproximando.

— Ei, Lily. Como você está?

— Estou bem, obrigada. — Ela sorriu. — Senti sua falta no jogo de sexta. Avery marcou dois touchdowns. Ele estava incrível.

— Nojento, Lil, é do meu irmão que você está falando. — Ashleigh riu. — Sou Ashleigh — falou. — Você deve ser Miley. Lily me contou tudo sobre você.

— Contou, é? Só coisas boas, espero.

— Ela disse que você e meu irmão tinham uma química maluca no Ice T.

— Eu... nem sei o que dizer para isso. — Enrubesci.

— Meu irmão nunca teve uma namorada antes.

— Ah, não sou sua...

— Eu sei. — Ela deu uma risadinha. — Mas poderia ser.

A ideia fez meu estômago contrair. Mas era uma fantasia. Avery não queria conversar comigo, menos ainda ficar comigo.

— Ah, não tenho certeza disso. Seu irmão não é bem meu maior fã.

— Por causa da reportagem que escreveu do time?

— Vejo que andou pesquisando — falei.

— Gosto de saber das coisas. Mas você ajudou Lily e acho que todo mundo merece uma segunda chance, contanto que não planeje ferrar meu irmão outra vez, acho que podemos ser amigas. — Ashleigh estendeu a mão.

Não foi assim que imaginei que seria minha manhã, mas coloquei a mão na dela e disse:

— A novos amigos.

Bem na hora, um anúncio soou pelo sistema de som da escola que os ingressos para Homecoming estavam a venda. O corredor explodiu com celebração, mas eu não estava comemorando.

— Mal posso esperar até sermos velhas o bastante para Homecoming — Ashleigh soltou um suspiro sonhador.

— Ah, você pode ir no Homecoming. Qualquer um pode ir — eu a corriji.

— Sim, eu sei, mas quero dizer ir... com um cara. De jeito nenhum meu pai vai me deixar namorar ainda.

— Aposto que ele te deixaria ir com Ezra.

— Quem é Ezra?

— Ele está na nossa sala. Ashleigh tem uma paixonite por ele. — Lily sorriu.

— Não tenho. Ele... não faz meu tipo.

— E qual tipo seria? — Minha sobrançelha arqueou.

— Ezra é complicado. Passamos tempo juntos as vezes, mas ele tende a fazer as próprias coisas. Ei, poderíamos ir juntas. — O rosto dela se iluminou.

— Ah, acho que não. Não sou fã de eventos sociais comunitários.

— Por favor, vai ser divertido. — Lily me deu um aceno tranquilizador. Era legal vê-la mais confiante do que no outro dia.

— Não tenho certeza se Avery vai me querer lá. — E ele sem dúvida seria coroado Rei do Homecoming.

— Quem liga para o que Avery pensa? Também não vai nos querer lá, mas isso não vai nos impedir.

— Vou pensar nisso.

— Excelente. — Ashleigh bateu palmas. — Deveríamos ir para aula. — Ela pegou a mão de Lily e começou a puxá-la. — Mas foi bom te conhecer, Miley, e não deixe meu irmão ser um idiota.

— Ah, olha, se não é a vaca dedo duro.

Rodopiei para encontrar Kendall Novak me fuzilando.

— Ah, oi, Kendall.

— Por que você estava conversando com a irmã do Avery?

— Não é da sua conta.

— É tão triste, usar a irmã para chegar nele. Quando todo mundo sabe que Avery não te tocaria nem se fosse a última garota no planeta. Ele me disse na noite de sábado quando estávamos... bom, você sabe. — O lábio dela se curvou em um sorriso triunfante como se pudesse ver as adagas perfurando meu coração.

— Você e Avery...

— Esperei um longo tempo para chamá-lo de meu. E não vou ficar parada e deixar uma nerd que nem você ficar no meu caminho. — Kendall se aproximou, o sorriso enjoativamente doce era cruel. — Fique longe do time, e fique longe de Avery. Entendeu?

— Kendall? — O nome dela ecoou pelo meu crânio e nós duas olhamos para cima para encontrar Avery nos fuzilando.

— Ah. Oi, Avery — cantarolou, trombando o ombro no meu ao ir na sua direção. Ela passou o braço pelo dele, e saíram andando juntos.

Eu me apoiei nos armários, respirando fundo. Ele me beijou e depois ficou com a Kendall.

Não sabia por que esperava outra coisa. Ele era Avery Chase. Podia ter qualquer garota na escola.

Qualquer garota, menos eu.

Na noite de terça, estava trabalhando até mais tarde na biblioteca. Só estávamos eu e a velha Sra. Winkleman, e ela costumava ficar no escritório, escutando música clássica e preenchendo papelada.

A última pessoa que esperei passar pela porta era Avery.

— Isso é uma surpresa — falei, abafando minha mágoa.

— É, bom, a copiadora da biblioteca da escola não estava funcionando, e preciso de cópias disso.

— Claro, posso te ajudar. Por aqui. — Sorri, mas ele não sorriu de volta.

A copiadora estava localizada nos fundos do prédio, em uma alcova com as impressoras e alguns computadores velhos.

— Está silencioso — Avery disse.

— Algumas pessoas passam aqui, mas normalmente depois das sete sou só eu e a Winkleman.

— A o que?

— Sra. Winkleman — olhei para ele — ela é a bibliotecária.

Seus olhos estavam escuros esta noite, cheios de uma emoção indecifrável.

— Como está Kendall? — perguntei, tentando manter a voz equilibrada.

— Kendall? — Avery fez uma careta.

— É, pensei... ela disse que vocês dois... não importa. Não é da minha conta. — Eu me atrapalhei com a máquina, passando o dedo pelo botão de ligar. Depois passei o cartão de funcionária pelo leitor magnético.

— Certo, está pronta. — Eu me recusava a olhar para ele. — Quando terminar, venha até o balcão e pague.

Fui sair, mas a mão de Avery esticou e pegou meu pulso.

— Espere — falou.

Meus olhos finalmente se ergueram para os dele e o que vi fez um arrepio descer pela minha coluna.

— Avery? — sussurrei enquanto o tempo parava.

Seus olhos estavam fixos na minha boca, e engoli, minha garganta de repente seca.

— O que você...

— Shh — murmurou. — Só me dê um minuto.

— Tudo bem. — Concordei com a cabeça.

Eu o daria tempo.

Daria todo o tempo do mundo.

AVERY

QUERIA BEIJÁ-LA.

Porra, queria tanto beijá-la.

Era como se afastá-la só me fizesse desejá-la mais. Não deveria ser assim. Deveria odiá-la; parte de mim odiava. Mas não podia tirá-la da cabeça. Como ela estava fofa e atrapalhada aquela noite na festa do Micah. Como ela defendeu Lily.

Mais e mais, estava começando a perceber que Miley Fuller não era uma pessoa ruim. Claro, ela fez escolhas bem ruins, mas era apenas humana. Ela tinha esperanças e sonhos e um plano. E eu sabia muito bem como era correr atrás do que queria e colocar isso acima de todo o resto.

Afinal, eu era o cara que ainda não tinha sido honesto com o pai sobre querer ir para Notre Dame no lugar de Michigan.

Olheiros viriam para o jogo na sexta-feira. Precisava contar para ele antes disso. Precisava arrancar o Band-Aid e resolver isso logo.

Ainda assim, aqui estava, na Biblioteca de Rixon, de todos os malditos lugares, a um segundo de beijar a garota que me traiu. De novo.

— Avery? — sussurrou outra vez.

Caralho. Meu nome em seus lábios faziam todo tido de coisa comigo. Coisas pecaminosas. Coisas que não tinha direito de querer. Era o último ano, o maior ano da minha vida. Não tinha tempo para garotas, menos ainda quando eram tão confusas e traiçoeiras quanto Miley. E eu sabia que estava decidida por Northwestern. Não fazia sentido começar alguma coisa com ela quando planejavamos partir no próximo verão...

Mas: Eu. Não. Podia. Parar. De. Pensar. Em. Beijar. Ela.

Talvez eu só precisasse tirar ela da cabeça? É, era isso. Talvez eu só precisasse de um ponto final.

Fui determinado em sua direção, mas Miley recuou. Mas não importava. A conexão invisível entre nós era inegável, e só havia se fortalecido depois que as aulas recomeçaram.

Tentei esquecê-la o verão inteiro, e aí dei uma olhada para ela no primeiro dia de aula e voltou com tudo. Mas meus sentimentos por ela

eram confusos. Ódio entrelaçado com atração. Decepção emaranhada com desejo. Eu a queria. Queria Miley de um jeito que nunca quis ninguém mais, mas não podia esquecer o que ela fizera comigo, com o time.

Caralho.

As costas dela bateram na parede e a enjaulei, pressionando as mãos dos lados de sua cabeça.

— O-o que você está fazendo? — murmurou.

— Tentando uma coisa. — Eu me aproximei, e pairei os lábios sobre os dela, passando a língua na junção de seus lábios. Meu coração batia forte no peito enquanto seu gosto inundava minha boca.

— Avery... — A voz dela entrecortou com desejo ao ancorar os dedos no meu moletom e me puxar mais perto.

— Abra para mim, Miley. — *Me deixe entrar.*

Ela soltou um suspiro suave e afundei a língua em sua boca, enfiando uma mão em seu cabelo e acariciando o lado do seu pescoço. Miley me segurou com mais força, ficando na ponta dos pés para retornar o beijo. Forte e intenso, lutamos por controle, nenhum de nós dispostos a ceder.

— Seu gosto é bom para caralho — murmurei as palavras ao diminuir os beijos, provocando-a.

— Mas e a Kendall?

— Kendall? — Por que diabos ela continuava a mencionar Kendall?

— Você quer falar da Kendall? — Mordisquei seu lábio inferior, aliviando a dor com a língua. — *Agora?* Quando estou pensando em fazer coisas muito safadas com você?

— Ah Deus — suspirou enquanto eu deslizava a mão sob sua camiseta e espalmava sua barriga. A pele de Miley era tão quente e macia. Explorei seu corpo, me deleitando nos gemidinhos que soltou quando minha mão encontrou seus seios.

— Não deveríamos estar fazendo isso aqui — sussurrou.

— Você quer que eu pare? — Eu me afastei para olhar para ela. Suas bochechas estavam coradas e as pálpebras pesadas. Ela estava linda para caralho, me deixou sem fôlego.

— N-não. Deus... não.

Ela estava certa. Era um risco, tocá-la desse jeito na biblioteca. O lugar onde ela trabalhava. Mas era como se a corda tivesse se rompido, fazendo meu controle escapar e desaparecer.

Eu a queria.

E era tudo o que podia pensar.

Passei os dedos por sua barriga lisa e os afundei nas suas calças. Miley arfou, o corpo todo ficando tenso.

— Eu-eu nunca...

Carvalho. Ela era virgem.

Por que isso me deixava mais excitado?

— Shh. — Beije o canto da sua boca. — Vou cuidar de você, apenas relaxe. — Com gentileza, pressionei um dedo dentro dela. Era tão apertada. Eu não queria machucá-la. Mas Miley não parecia ligar ao começar a cavalgar minha mão.

— Isso é...

Circulei seu clitóris com o polegar, a deixando louca. Ela tentou abafar os barulhinhos de prazer subindo por sua garganta, mas falhou, então a beije, intensamente, e os engoli para ela.

— Deus, Avery... é... — gemeu outra vez.

— Goze para mim, babe... preciso que você... — As pernas de Miley começaram a tremer conforme seu orgasmo tomava conta.

Ela afundou o rosto na junção do meu pescoço e ombro, surfando nas ondas de prazer. Quando enfim olhou para mim outra vez, estava com um sorriso tímido no rosto.

— Isso foi... inesperado.

Como se eu não soubesse, gemi internamente.

Dei um pouco de espaço para se ajeitar. Miley colocou algumas mechas de cabelo atrás da orelha e sorriu para mim outra vez.

— Essa é a parte que você me diz que foi um erro? — Sua expressão desmoronou.

E eu odiava isso.

Odiava que pensava tão pouco de mim.

Mas também odiava que perdi o controle com ela.

Eu estava uma confusão quando se tratava dessa garota.

— Entendi. — Apertou os lábios. — Bom, vou estar ali...

— Espere. — Peguei seu pulso. — Só estou confuso.

— Sobre mim?

Concordei com a cabeça.

— Sobre como me sinto por você. Pensei que se tivéssemos algum tipo de término...

— Isso era para ser um término? — Desejo e raiva lampejaram em seus olhos e a fez parecer tão fofa, queria beijá-la outra vez.

— Não foi — admiti, e alívio passou por ela. — Mas ainda estou confuso. Isso, você e eu, é complicado.

Miley deu um pequeno aceno.

— Vou estar no balcão quando tiver terminado. — Dessa vez, quando se afastou, deixei ir. Porque precisava de espaço, e não podia pensar direito em volta dela.

Copiei o resto da minha papelada e fui para o balcão. O lugar ainda estava vazio, sem sinal da bibliotecária.

— Que horas você termina aqui? — perguntei para Miley.

— Em trinta minutos. Dois dólares e cinquenta centavos.

Peguei o dinheiro e a paguei.

— Obrigado. Tem carona para casa?

— Não, costumo andar. Não é longe.

— Posso te dar uma carona, se quiser?

— Você não precisa fazer isso, Avery.

— Eu quero — falei. — Por favor.

— Tudo bem, gostaria disso.

— Certo, então, espero lá fora.

Quando Miley finalmente saiu da biblioteca, estava começando a ter dúvidas. Essa foi uma má ideia. Meus amigos, o time... não entenderiam se aparecesse na escola amanhã com Miley ao meu lado. Ela era a dedo duro. A garota que foi contra os Raiders. Não iriam apenas deixar isso passar, e não queria dar mais munição para eles usarem contra ela. Não depois do que Micah, o maldito idiota, fez com ela na festa.

Ela me deu um pequeno aceno antes de vir até meu carro. Eu me inclinei e abri a porta, e ela entrou.

— Tem certeza que não tem problema?

— Não teria oferecido se não quisesse. — Saiu mais rude do que foi a intenção e ela franziu o cenho.

— Está tudo bem?

— Ninguém vai entender isso — falei, soltando o ar, frustrado.

— Isso?

— Sim. Você e eu. Eles não vão entender. Não depois do que aconteceu.

— Ah, entendi. — Miley pousou as mãos no colo e as encarou. — Não esperava que fosse fácil, mas as pessoas merecem uma segunda chance, não é?

— Talvez. Mas meus rapazes, o time... não é tão simples. — Inferno, nem eu podia perdoar o que ela fizera.

Então o que diabos eu estava fazendo aqui? Já imaginando a próxima vez que pudesse beijá-la, tocá-la e vê-la se desfazer.

— Eu não sei o que dizer. Se pudesse voltar no tempo e fazer as coisas de forma diferente, faria.

— O que aconteceu com fazer o que for preciso para chegar onde quer estar?

Seus olhos encontraram com os meus.

— Não estou dizendo que faria tudo diferente, mas nunca quis te machucar, Avery. Você precisa acreditar em mim.

Concordei com a cabeça. Era tudo o que conseguia. A verdade estranha era, se Miley nunca tivesse se candidatado para o esquadrão

de torcida, nunca teria me aproximado dela. Então era só por causa daquele maldito furo que nossos caminhos se cruzaram. Era ao mesmo tempo uma benção e uma maldição, e era muito para conciliar.

Passamos a pequena distância até sua casa em um denso silêncio. Não duvidada que Miley sentia muito por me trair, mas ainda não tinha certeza se poderia ter acontecido de maneira diferente.

Quando parei na frente da sua casa, ela soltou um suspiro resignado.

— Acho que isso é boa noite?

— Acho que sim.

— E amanhã quando te ver na escola?

— Honestamente — falei —, não sei.

Desânimo brilhou em seus olhos.

— Acho que mereço isso.

— Miley, isso não sou eu te punindo. Não tem nada a ver. Mas essa temporada é importante para mim. Olheiros virão no jogo de sexta. Tenho que contar pro meu pai que não quero me candidatar para sua alma mater. E todo mundo está esperando que eu vença o campeonato estadual. Tem muita coisa que depende de mim.

— E vou ser apenas mais um fardo para carregar. Eu entendo. Não tem problema, Avery, não precisa explicar.

— Não é isso... caralho, por que tem que ser tão difícil?

— Não precisa ser. Acho que você precisa descobrir o que quer de verdade, e o que está preparado para sacrificar para conseguir. — Ela me deu um sorriso fraco. — Boa noite, Avery, obrigada pela carona.

Miley saiu e bateu a porta. O barulho reverberou no fundo da minha alma enquanto a observava andar até a casa. Queria ir atrás dela. Queria puxá-la em meus braços e dizer a ela que achava que ela valia a pena. Mas algo me conteve.

Medo.

Culpa.

Vergonha.

Eram tantas malditas emoções competindo pela minha atenção e quando percebi que precisava ao menos dizer boa noite, ela já havia desaparecido.

A casa estava em silêncio quando cheguei. Deixei as chaves no aparador e tirei o tênis.

— Mãe? Pai? — gritei.

— Aqui, Ave.

Meu peito apertou. O técnico tinha me dado até ontem para parar de enrolar e contar para meu pai a respeito de Notre Dame. Mas ainda

não tinha encontrado as palavras.

— Oi, pai, o que está acontecendo?

— Sente. Acho que precisamos conversar, filho.

Merda. Ele sabia. O técnico tinha tomado conta e contado a ele. Traidor.

Caí na cadeira e passei uma mão pelo cabelo.

— Escuta, não sei o que o Treinador te contou, mas posso...

— Jase sabe disso? — A boca do meu pai se curvou. — Claro que sabe. Mas não, ele não traiu sua confiança e me contou. Encontrei a candidatura.

— Ah.

— Por que você não me contou? — Seus olhos semicerraram com decepção.

— Sabia o quanto você queria que fosse para Michigan, para seguir seus passos. E queria isso, pai, mesmo. Mas aí comecei a pesquisar um pouco, e Notre Dame entrou em contato... e as coisas mudaram.

— Jesus, Avery, poderia ter conversado comigo sobre isso. — Ele tamborilou os dedos na mesa. — Estava animado para que seguisse meus passos? Com certeza. Quero isso para você, filho, muito. Mas quero que você também queira. E não importa qual escolha, vou te apoiar cem por cento.

— Sério?

— Claro. — Ele riu. — Não acredito que você pensou que poderia manter isso em segredo.

Parecia mesmo trivial agora. Mas sabia o que ele abria mão quando escolheu nossa família no lugar dos sonhos de chegar aos profissionais. Eu queria fazer isso por ele, realizar seus sonhos. Mas bem no fundo, sabia que meu coração não estava em Michigan.

— Acho que não queria que você visse mais um dos seus sonhos desaparecerem.

— Avery — balançou a cabeça devagar —, não é como me sinto, você sabe. Eu amo minha família mais do que tudo. Se eu me pergunto como a vida teria sido se as coisas fossem diferentes? Claro que sim. Mas não era para acontecer. Posso ter perdido meu sonho de jogar futebol no último ano, mas ganhei algo muito, muito melhor.

Ele esticou o braço sobre a mesa e colocou a mão na minha.

— Nunca quero que sintas que não pode falar comigo. Nunca. Sempre estarei aqui, certo?

— Obrigado, pai, e sinto muito... deveria ter te contado.

— Mais alguma coisa que precisa confessar?

— Posso te perguntar uma coisa?

— Qualquer coisa.

— No ensino médio, quando você e mamãe... você sabe.

— Sei... — Um leve sorriso agraciou seus lábios como se estivesse

se lembrando.

— Nojento.

— Ei, também fomos veteranos um dia.

— Não me lembre. — Eu ri e ele beliscou minha mão. — Quando você e mamãe estavam se esgueirando pelas costas do Treinador, não se preocupou por o estar traindo?

— Sim. — Ele esfregou a mandíbula. — Jase é meu melhor amigo. Eu nunca quis machucá-lo. Mas o jeito que me sinto sobre sua mãe, não era algo que poderia ignorar, filho. Ela me via. Além do uniforme e do time. Ela *me* via. Quando você está no tipo de posição que está, Ave, é algo raro.

— Então você estava preparado para sacrificar sua amizade com o treinador pela irmã dele?

— Irmã *postiça* — corrigiu. — Eu acho que sim. Mas o que esperava de verdade era que se Jase desse valor a nossa amizade tanto quanto eu dava, então em último caso, no final, ele iria querer que fôssemos felizes. De onde está saindo tudo isso, filho?

— Só me perguntei. — Dei de ombros, tentando controlar minha expressão.

— Espera um segundo, tem uma garota em cena? Não seria essa Srta. Fuller que ouvi Jase falar tanto nela, seria?

— Foi bom conversar, pai — levantei.

Risada ressoou no meu peito.

— Ah, não seja assim. Pode falar comigo dessas coisas. Sou um pai legal. Sou maneiro.

— Nunca vai acontecer, velhote. — Acenando para ele, subi as escadas.

Um peso podia ter sido aliviado agora que meu pai sabia a verdade sobre Notre Dame, mas ainda tinha o problema do que fazer com Miley.

Sabia que não poderia ignorar meus sentimentos por ela, não agora.

Mas estava mesmo preparado para arriscar tudo para ficar com a garota que traiu o time?

A garota que me traiu?

MILEY

QUANDO CHEGUEI na escola na manhã de quarta, não sabia o que esperar. Avery parecia tão dividido com o que aconteceu na biblioteca. Parte de mim sabia que deveria me sentir envergonhada por tê-lo deixado me tocar daquele jeito em um local público, meu local de trabalho ainda por cima, mas não me sentia. Porque a verdade era que foram alguns dos melhores minutos da minha vida.

Então quando o vi na frente da escola com todos os colegas de time e algumas líderes de torcida, meu coração se decepcionou. Porque era isso que ele quis dizer quando falou que era complicado. Avery Chase era o capitão deles, o líder. Ele não deveria namorar a editora chefe do jornal da escola, e com certeza não deveria namorar a garota que traiu o time.

Abafando minha mágoa, entrei na escola e fui direto para meu armário. Depois de pegar os livros que precisava, bati a porta, quase pulando de susto quando percebi que Kendall Novak estava parada ao lado.

— Não te vi aí — falei.

— Ocupada demais sonhando acordada?

— Algo assim — murmuro.

— Sonhando com alguém específico? — Ela sorriu.

— Não, não posso dizer isso.

— Sabe que o Homecoming está chegando. Você deveria ir.

— Não é minha praia. — Franzi o cenho.

— Mas poderia ser. Poderia comprar um vestido novo, arrumar o cabelo bem bonito. Quem sabe, talvez alguém até possa te convidar para ir. Em um... Encontro. De. Verdade.

— O que você quer mesmo, Kendall? — suspirei, ficando cansada dessa merda.

— Eu? Nada. — Ela deu de ombros, revirando uma mecha de cabelo no dedo. — Só estou dizendo que você não precisa ser tão entediante o tempo inteiro. Você era meio divertida ano passado.

— Ótimo, obrigada. Agora, se você não se importa, tenho que ir para aula. — Fui desviar, mas ela impediu meu caminho. — Pense nisso. Poderíamos ir em um encontro duplo... nós quatro.

Congelei, e o ar ficou preso na minha garganta.

Com certeza, ela não quer dizer...?

— Pensei que isso fosse chamar sua atenção. — Um brilho cruel lampejou em seus olhos azuis. — Vai ser divertido. Eu e Avery, e você e Micah. Ou Ben. Ou quem seja. Tenho certeza que Avery pode fazer um deles sair com você por dó.

Minhas bochechas queimaram quando percebi que todo mundo parou para assistir ao espetáculo.

— Você... você vai no Homecoming com Avery? — Mal soltei as palavras por cima do nó na minha garganta.

— Claro. Ele acabou de me chamar. — Ela deu de ombros outra vez. — Por quê? Você não pensou que ele fosse querer ir... com você? — Seu rosto se iluminou com vitória. — Ah, meu Deus, pensou, não é? Você pensou mesmo que Avery fosse te convidar.

Bailes escolares não eram minha praia, mas claro que pensei nisso. Que garota *sã* não pensaria?

— Eu não... — gaguejei, tentando encontrar as palavras. — Por que iria pensar isso?

— Porque, dedo duro, todos percebemos o jeito que você o observa quando acha que ninguém está olhando. Você o quer, admita.

— Eu...

— Ei, Miley. — Lily Ford apareceu, interrompendo a tensão circulando entre mim e Kendall.

— O quê, vocês duas são amigas agora?

— E daí se formos? — perguntei.

— Mas você é uma veterana e ela está no nono ano.

— E? — Lily enganchou o braço com o meu. Foi um gesto gentil, um que me fez sentir toda calorosa por dentro. Mas foi desperdiçado com Kendall. Era só mais munição para me odiar.

— Você é patética mesmo, sabia? Não pode ter Avery, então pensou que tentaria se inserir em sua vida. Me deixa adivinhar, também é amiga da Ashleigh?

— E daí se for? — Ashleigh apareceu, fuzilando Kendall.

— Sabia que era estranha pra caramba, mas isso... isso é outra coisa. Avery sabe que você está tentando...

— Você deveria ir embora antes que chame meu irmão para descobrir exatamente o que ele pensa disso. — Ashleigh encarou Kendall, apesar de ser quase uma cabeça mais baixa que ela.

— Ashleigh, não tem problema — falei. — Kendall estava indo embora, não é?

— Sim, estou. Mas deveria tomar cuidado com essa aqui — disse, olhando para Lily e Ashleigh —, ela vai te trair assim que virarem as costas.

Kendall saiu pelo corredor e todo mundo voltou ao que estava

fazendo antes de ela puxar meu tapete.

Avery a convidou para o Homecoming.

Como podia ter feito isso?

Acho que não importava agora. Ele estava certo, nada conosco era fácil. Nunca seria fácil. Ele precisava focar no time, a maior temporada de sua vida, e eu precisava ficar na minha e focar em ser aceita na Northwestern.

Talvez em outra vida, sem o jornal da escola e futebol, pudéssemos ter uma chance, mas tinha muita coisa contra nós.

— Você está bem? — Ashleigh perguntou.

— Vou ficar bem, obrigada.

— Ela é uma vaca — Lily acrescentou. — O que estava dizendo antes de chegarmos?

— Não importa. — Eu forcei um sorriso. — Estou acostumada com garotas como Kendall.

— Era verdade? O que ela disse do meu irmão?

— Não estou te usando. Eu nunca iria...

— Não isso. — Ashleigh fez tsc. — Quis dizer a outra coisa. Que você o quer.

— Não importa. — Meu coração doeu. Ontem à noite, na biblioteca, Avery me deu um sinal de esperança. Mas na luz do dia, sabia que era apenas uma fantasia.

— Claro que importa. Você não pode desistir só por causa da Kendall. Ela é...

— Olha, agradeço o apoio, mesmo. Honestamente, acho que vocês são as primeiras amigas verdadeiras que tive, e não tem nada a ver como fato que são família do Avery. Mas precisam deixar isso quieto.

— Mas...

— Leigh. — Lily balançou a cabeça.

— Tá bom. Mas ainda quero que venha no Homecoming com a gente. Meu pai disse que posso ir já que vou estar com uma veterana.

— Ela sorriu para mim e me senti amolecer.

— Ainda estou pensando nisso. — A última coisa que queria fazer era ir no Homecoming e ver Avery com Kendall, mas como deveria dizer não para Lily e Ashleigh quando não foram nada além de legais comigo?

— Bom, já comprei seu ingresso, então você tem que ir.

— Vou pensar.

— Vai ir. — O canto da boca dela se inclinou.

— Você parece ter bastante certeza disso.

— Quem, eu? Te vejo por aí, Miley. Lil. — Ashleigh acenou para nós ao desaparecer pelo corredor.

— Ela é sempre tão...

— Estranha? — Lily deu uma risadinha.

— Ia dizer confiante.

— Ashleigh é o tipo garota que sabe o que quer e vai atrás. É uma das melhores pessoas que conheço.

— Isso é legal. Nunca tive isso... uma amiga para todas as horas.

— Tive amigos ao longo dos anos, claro. Mas nenhuma amizade durou. E depois que meu pai foi embora, meio que parei de tentar.

Acho que é por isso que me apaixonei tão fácil por Avery.

Soltei um suspiro resignado.

— Sei que você deu mancada ano passado, Miley, com a exclusiva. Mas não é motivo para se esconder.

Era uma afirmação tão ousada de uma garota que encontrei se acovardando no banheiro.

— Como você faz isso? — perguntei baixinho.

— Fazer o quê?

— Se anima desse jeito?

Lily olhou para mim e engoliu.

— Eu fiquei muito, muito boa em disfarçar as coisas.

Consegui evitar Avery o resto do dia. Mas não tinha como evitá-lo depois da aula. O técnico Ford me convidou para participar de uma das reuniões. Não sabia bem o que esperar, mas quando entrei na sala escura, não importava, porque tudo o que vi foi ele.

Avery estava sentado na ponta da cadeira, com um boné dos Raiders com a aba para trás na cabeça, cotovelos apoiados nas coxas e queixo nos punhos. Ele olhou para cima e sorriu, mas desapareceu rápido quando não sorri de volta.

Ele pensava mesmo que eu ficaria bem com tudo o que aconteceu?

— Ah, Srta. Fuller, que bom que pôde vir. Pensei que poderia se útil para você participar de uma das nossas reuniões de estratégia.

— Onde está todo mundo? — perguntei, notando que só Avery estava aqui.

— Normalmente isso é algo que fazemos com o QB quando temos um grande jogo chegando. Os Eagles tem uma grande defesa, então queremos que Avery saiba o que esperar, quais jogadores evitar. Mas também queremos aprender seus pontos fracos, e ajustamos nossas jogadas para combater sua estratégia.

— Parece complicado. — Eu ri, mas saiu tenso.

— Estudar gravações é tudo parte do processo. É como aprendemos e melhoramos. — O técnico me ofereceu uma cadeira, e me sentei, aliviada por não estar perto de Avery. Era ruim o suficiente estar na mesma sala que ele.

— Sabe, um passarinho me disse que não foi no jogo sexta passada.

— Eu... não, não fui. Não preciso ir nos jogos para escrever o artigo.

— Verdade — falou. — Mas gostaríamos mesmo que você viesse na sexta. É nosso jogo rival contra Rixon East e são sempre empolgantes.

— Eu... vou pensar nisso.

— Separei um ingresso para você.

— Obrigada.

— Certo, vamos começar. — O técnico apontou o controle para a tv e apertou um botão. Um vídeo do time rival dos Raiders, os Rixon East Eagles, encheu a tela. Não sabia muito de futebol, mas até eu sabia da rivalidade amarga entre nossa escola e a do outro lado do rio. Durava décadas, e não tinha como escapar a semana rival.

Historicamente, as duas escolas aplicavam trotes uma na outra na véspera do jogo, mas isso foi inibido nos últimos anos depois que um trote deu errado na época do Técnico Ford.

Observei em silêncio enquanto o treinador, Avery, e os técnicos assistentes pausavam a gravação a cada poucos minutos e discutiam opções de jogadas e estratégia defensiva. O técnico fazia anotações em um quadro branco, rabiscando linhas e círculos e flechas que reconhecia como estratégia de jogada, mas não fazia ideia do que significava.

Eles pareceram esquecer que eu sequer estava lá, até quarenta minutos depois, o técnico acendeu a luz e me surpreendeu.

— Ainda está conosco, Srta. Fuller?

— Por pouco, senhor. — Sorri.

Ele riu.

— Bom, talvez tenha te dado um vislumbre no que acontece no dia do jogo.

Dei um pequeno aceno.

— E pense na oferta daquele ingresso para o jogo.

— Eu vou, senhor, obrigada. — Eu me levantei e fui até a porta. — Meu artigo deve ser entregue na segunda para o Sr. Jones, e aí vou sair do caminho de vocês.

— Estou ansioso para ler. Com sorte, conseguimos mudar um pouco a ideia que você tem de nós. — Ele foi até Avery e os outros treinadores e escapuli da sala, respirando fundo.

Técnico Ford insistia em me fazer ver que tinha mais no time do que festas embriagadas, tarefas não feitas e atitudes presunçosas... mas por quê? Não fazia nenhum sentido. Nada mudara de verdade por causa da minha reportagem. Claro, Diretor Kiln e Sra. Bennet estavam implementando expectativas acadêmicas mais rígidas dos seus atletas principais, mas um dia tudo desapareceria. Eu sabia disso, todo mundo sabia disso.

Mas ele parecia tão determinado em mudar *minha* opinião.

Joguei a mochila no ombro e comecei a andar pelo corredor, mas uma voz me fez parar.

— Miley, espere.

Meu coração subiu até a garganta enquanto me forçava a virar.

— Procurei por você hoje — Avery disse. — Queria conversar com você sobre algumas...

— Não tem problema — falei rápido. — Não precisamos fazer isso.

— Não precisamos? — Ele franziu o cenho.

— Não, pensei um pouco, e você está certo. Isso, nós, nunca daria certo. — Meu coração estilhaçou. — Adeus, Avery.

Eu me afastei, e dessa vez...

Era definitivo.

AVERY

— ANIMADO? — Ben perguntou enquanto amarrava as chuteiras.

— Sim, estou pronto.

Era noite de jogo e a noite mais importante da minha vida. Não só estávamos jogando contra Rixon East, nossos rivais, mas os olheiros de Notre Dame também viriam me assistir.

— Animem-se, mocinhas — Treinador entrou no vestiário, e uma onda de ansiedade passou pelo ar. A multidão estava elétrica sobre nós, um ressoar constante de aplausos enquanto os anúncios eram dados.

— Chase, está com a gente, filho? — O técnico me olhou com preocupação.

— Estou bem, Treinador.

— Fico feliz em saber. Esta noite é sua hora de brilhar. Siga o manual de jogadas e esse jogo é nosso. — Ele deu um tapinha no meu ombro e assenti.

Estava pronto.

Mais do que pronto.

Mas não podia parar de pensar no jeito que as coisas terminaram entre mim e Miley. Ela não me deu chance de explicar, e depois passou o resto da semana me evitando. Sabia que o técnico pedira para que ela viesse esta noite, mas não fazia ideia se planejou vir ou não.

Não que devesse importar.

— Certo, venham aqui. Raiders no três.

— Um... dois... três...

— Raiders. — Ecoou nas paredes, reverberando por mim, e me incitando para a batalha que estava por vir. Os Eagles nos atacariam com tudo o que tinham, esperando interromper nosso caminho até o campeonato antes mesmo que começasse.

— E isso aí. — Micah segurou meu ombro e pulou. — Nada como um jogo de rivais para fazer o sangue correr mais rápido.

— Deixa disso, babaca. — Dei uma cotovelada nas suas costelas. As coisas ainda estavam tensas entre nós, mas você não podia entrar em campo com picuinhas entre os jogadores, não se quisesse permanecer

em foco e vencer.

Ele desconsiderou com uma risada, passando na minha frente ao nos enfileirarmos para entrar em campo. Não tinha nada como futebol na sexta a noite. O brilho das luzes, a ansiedade da multidão, o barulho, até o cheiro da grama recém cortada. Entrar naquele campo era como voltar para casa e, por um segundo, tudo ficou em silêncio antes de afunilar e explodir em um caos de acelerar o coração.

— Pronto? — O técnico perguntou quando passei por ele. Era tradição ele nos seguir.

— Acho que sim. — Sangue rugia nos meus ouvidos, o estrondo da multidão crescendo além das portas.

— Você consegue. — Ele apertou meu ombro. — Não importa o que aconteça lá fora esta noite, estou orgulhoso de você, Avery. Todos estamos.

— Obrigado, treinador. — Engoli a emoção na garganta e peguei o capacete. Meu futuro estava lá fora...

Tudo que tinha que fazer era ir buscá-lo.

— Certo, venham. — O técnico nos chamou. Era o último quarto, e estávamos perdendo para os Eagles de 34-29. Deveríamos estar na frente, mas algumas decisões ruins penderam as coisas em favor deles.

— Temos um minuto no relógio. — Ele tirou o boné azul e branco e passou a mão no cabelo escuro. — Esse jogo deveria ter sido nosso no segundo quarto. Mas não importa. Deixamos tudo isso para trás. Temos um minuto no relógio. É hora de apostar tudo ou desistir. Chase, você manda.

— Só tem uma jogada, senhor. Manda a bola para mim, e levo até a zona final.

— É assim que gosto, filho. Corremos, e você não solta aquela bola, não até passar da linha.

Concordei, ansiedade atijando todas minhas terminações nervosas. Era agora ou nunca. Quarenta e sete minutos de pressão reduzidos a uma única jogada. Se convertêssemos, ganhávamos, se não... bom, não era uma opção. Estiquei o braço e o técnico assistente me jogou uma garrafa de água. Dei um grande gole antes de jogar o resto no rosto.

— Raiders no três — o técnico disse, colocando a mão no meio da roda. A minha seguiu, depois a de Ben e de Micah, até o time inteiro estar ali.

— Um... dois... três... Raiders.

A multidão nos recebeu de volta no campo com ovações ao entrarmos em posição. Meus pais estavam na multidão com Ashleigh e

tio Xander, a mulher e filhas do técnico também. E sabia que os Bennets estariam aqui para torcer por nós. Futebol não era apenas um hobby para nossas famílias, era um estilo de vida.

Coloquei o capacete e o protetor bucal, conferindo os jogadores aos lados. Era uma jogada arriscada, tentá-la no último minuto do último quarto, mas precisávamos do touchdown.

— Azul, cinquenta e dois — gritei. — Azul, cinquenta e dois.

Nosso central se mexeu, esperando o apito. No segundo que soou, ele mandou a bola para mim e recuei, esperando meu running back para simular o passe. Ele saiu correndo pela esquerda, chamando a atenção da defesa dos Eagles enquanto eu abaixava a cabeça e corria. Minhas pernas foram o mais rápido possível ao passarem pelas marcas das jardas. Trinta... vinte... dez...

Uma multidão de vermelho e branco pairava na periferia da minha visão, mas tinha que confiar que meus rapazes cuidariam deles. Até um pular, caindo bem na minha frente. Previ sua queda e pulei, por pouco passando por ele. Meus pés bateram no chão e voei na zona final, jogando a bola no chão.

— Touchdoooooown. — A voz do narrador ecoou pelo estádio, abafada pelo rugido da multidão. Meu coração batia com força no peito enquanto meus colegas de time me assoberbavam, cantando meu nome como se fosse o messias deles.

Conseguimos.

Ganhamos dos nossos rivais e demos um belo de um show fazendo isso. Mas ao olhar na multidão, todos de pé e comemorando nossa vitória de último minuto, me peguei procurando só um rosto.

E ela não estava lá.

— Chase, vem cá — o técnico gritou, e corri para onde estava parado com um homem alto usando uma jaqueta dos Fighting Irish.

— Esse é Sr. Drummond, da Notre Dame.

— Bom te conhecer, senhor. — Estiquei a mão e ele a apertou.

— Belo jogo esta noite.

— Obrigado.

— Ousado, agressivo, é exatamente o tipo de talento que estamos procurando para recrutar para os Fighting Irish.

— Jogar para Notre Dame seria um sonho realizado, senhor.

— Bom saber, filho. — Ele pegou a carteira e tirou um cartão de visitas, entregando para mim. — Vou entrar em contato.

— Isso seria ótimo, senhor.

— Deveria ir comemorar com o resto do time, você mereceu. — Ele me deu um tapinha no ombro e dei um pequeno aceno.

— Vá para os chuveiros, Chase. Converso com você mais tarde.

Eu os deixei e fui pelo túnel na direção do vestiário. Os caras todos comemoraram no segundo que entrei.

— É, é — falei. — Foi um jogo. Ainda temos oito pela frente. — Eu os lembrei.

— Nada, QB, damos conta. — Micah apontou para mim e piscou.

Tomei banho rápido, sabendo que minha família estaria esperando do lado de fora para me parabenizar. Era um ritual pós-jogo de irmos para o Bell e comermos juntos. Depois eles iriam para casa e eu iria para uma festa ou passaria um tempo com os caras.

No segundo que saí do estádio, minha irmã veio direto até mim.

— Você foi incrível. — Ela me envolveu com os braços.

— Obrigado. — Eu ri. O entusiasmo dela por futebol sempre me surpreendia.

— Você jogou bem — papai disse, se aproximando. — O olheiro se apresentou?

— Sim.

— E?

— Disse que entraria em contato.

— Isso! — Meu pai me puxou para um abraço. — Estou tão orgulhoso de você, Avery.

— Obrigado, pai.

— Certo, marido, não monopolize todos os abraços.

Nós dois rimos, olhando para mamãe, que olhava para mim com tanto orgulho nos olhos que fiquei um pouco embargado.

— Parabéns, bebê. — Ela envolveu os braços ao meu redor. — Você fez bem.

— Como sempre, mãe.

— Sim, bebê, sempre.

— Ei, onde está tio Xander?

O clima ficou frio quando meus pais trocaram um olhar.

— O quê? — perguntei.

— Nada. — Meu pai sorriu, mas não chegou nos olhos. — Ele sente muito por não poder estar aqui.

— Certo.

— Muito bem, Ave. — Poppy e Lily se aproximaram com a mãe.

— Obrigado.

— Aposto que Jason está muito orgulhoso de você — a mãe delas, Felicity, disse.

— Com certeza está. — O técnico veio em nossa direção. — Mas agora ele quer comer. — Seus olhos semicerraram na esposa, brilhando com desejo.

— Eca, pai, nojento. — Poppy fingiu vomitar.

— Um dia, Pops, um dia você saberá como é. — A mãe dela riu.

— Um dia quando for muito, *muito* mais velha.
— Como se alguém tivesse coragem o bastante para namorar comigo sabendo que você é meu pai. Estou condenada.
Todos rimos.
— Onde está Asher? — o técnico perguntou para meu pai.
— Teve um problema com Ezra. Foram para casa.
— Bom, não sei vocês — meu pai disse —, mas estou pronto para o maior hambúrguer do Bell.

— O que vocês duas estão sussurrando? — sibilei para Lily e Ashleigh. Elas não pararam desde que chegamos no Bell.
— Nada — Lily falou um pouco rápido demais. Ela deu um olhar afiado para minha irmã, mas Leigh pigarreou.
— Miley estava no jogo, sabia?
— Estava?
Ugh.
Gemi por dentro com a esperança na minha voz. Agora minha irmã e Lily estavam olhando para mim com diversão nos olhos.
— Quero dizer, isso é legal.
— O que diabos você estava pensando, Ave?
— Me desculpe? — falei ao mesmo tempo que Lily cutucou minha irmã nas costelas.
— Ela confiou na gente, Lil.
— Confiou o quê? — Isso atiçou minha curiosidade.
— Ah, você sabe, só como meu irmão é babaca. — Leigh arqueou uma sobrancelha para mim.
— Alguém me conta o que diabos está acontecendo?
Miley foi no jogo?
Por que ela não esperou para me ver?
Porque ela deixou bem claro que não queria te ver outra vez, babaca.
— Por que você a beijou e depois convidou Kendall Novak para o Homecoming? Foi algo bem idiota.
— *O quê?* — Franzi o cenho. — Não convidei Kendall para o Homecoming.
— Bom, ela acha que convidou. Disse para Miley que iriam juntos. Até sugeriu que pudessem ir em um encontro duplo com Miley e Micah.
— Que po... inferno? Nem pensei no Homecoming. — Eu iria. Era meio que esperado. Mas não planejava levar ninguém.
— Então, deixa ver se entendi. — Passei a mão no rosto. — Miley acha que vou levar Kendall no Homecoming?
— Sim.

— E quando tudo isso aconteceu?

— Acho que foi na quarta.

Caralho. O mesmo dia que Miley me dispensou. Não era surpresa que estava agindo de forma estranha. Pensava que eu tinha dado uns amassos nela na biblioteca e depois fui na escola no dia seguinte e convidei Kendall para o Homecoming.

— Não convidei Kendall para o Homecoming — falei.

— Óbvio, né. — Leigh revirou os olhos. — Foi o que falei para Miley. Falei que você nunca convidaria aquela vaca.

— Leigh — avisei.

— O quê? É verdade. Ela estava na cara da Miley na escola. Eu e Lily nos intrometemos para salvá-la. — Ela parecia muito orgulhosa de si.

— Porra — sibilei baixo. — E você não pensou em me dizer isso antes?

— Miley só contou para gente o que realmente aconteceu esta noite.

— É, depois que você não deixou pra lá — Lily afirmou.

Ashleigh deu de ombros.

— Não gosto de ver minhas amigas tristes.

Lutei contra um sorriso. Típico da Ashleigh. E não podia negar que aliviava algo em mim, saber que Miley tinha minha irmã do seu lado. Mesmo que estivesse no nono ano.

— Preciso ir — falei, levantando da mesa.

— Avery? Qual o problema, filho? — meu pai perguntou.

— Eu... hm, preciso...

— Tem uma garota — Ashleigh falou e lhe dei um olhar de *que porra*.

— Me deixa adivinhar, Srta. Fuller? — O técnico sorriu.

— Espera um minuto — falei —, você sabe?

— Tinha minhas suspeitas.

— Mas como?

— Porque, Avery, fui jovem um dia, e não tem como escapar dessas mulheres depois que enfiam as garras em você.

Então tá.

Olhei boquiaberto para ele, como se tivesse criado uma segunda cabeça.

Mas aí ele me deu um olhar sério e disse:

— O que você está esperando, filho? Vá buscar sua garota.

MILEY

A CASA ESTAVA em silêncio quando cheguei. Minha mãe deixou um bilhete na geladeira dizendo que saiu com algumas amigas do trabalho. Era algo monumental, e estava tão orgulhosa por ela estar tentando recuperar a vida.

Peguei um pote de sorvete do freezer e uma colher e sentei em uma das baquetas. Não tinha nada que sorvete cookie dogue não podia resolver.

Não deveria ter ido no jogo hoje. Soube no segundo que vi Avery sair do túnel com os colegas de time. Deus, ele estava tão bonito com as ombreiras e calças brancas apertadas. Tenho quase certeza que babei de verdade. Mas aí eu vi Kendall torcendo por ele na lateral do campo e meu estômago foi parar nos pés. Eles eram o casal perfeito. Líder de torcida e capitão de futebol.

Garotas como eu não acabavam com caras como Avery. Mas continuava a pensar no que aconteceu na biblioteca. O jeito que ele me beijou, o jeito que me tocou. Você não podia fingir aquele tipo de química, podia? Porque eu sentia. Sentia todas as vezes que encontrava o olhar dele.

Mas não importava mais. A reportagem estava terminada. Havia entregado mais cedo. Não tinha mais motivos para segui-lo ou o time. E Avery tinha uma temporada importante pela frente.

Nossos caminhos estavam indo em direções diferentes.

Não diminuía a dor, no entanto. Acho que um coração partido era assim.

Tinha acabado com quase metade do sorvete quando uma batida na porta me assustou. Franzindo o cenho, me levantei da banquetta e fui atender.

— Avery? — Meu coração quase pulou para fora do peito. — O que você está fazendo aqui?

— Podemos conversar?

— Você quer conversar? — Eu não entendia. — Você não tem algum lugar importante para estar?

— Me convide para entrar, assim não preciso ficar parado aqui fora que nem um bobo.

— Tudo bem. — Dei um passo ao lado e ele entrou.

Fechando a porta, me dei um segundo para me recompor. Avery estava aqui, na minha casa, e parecia tão sério.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei ao mesmo tempo que ele:

— Você estava no jogo?

— Eu... sim, estava.

— Por quê?

— Porque o técnico me convidou, e sua irmã é muito persuasiva.

Ele deu uma risadinha disso.

— Sim, é. É o único motivo que foi? — Avery me observou intensamente, os olhos me prendendo no lugar.

— Eu... por que você está aqui mesmo?

O lábio dele curvou.

— Você é fofa quando está agitada.

— F-fofa? O quê?

— Não convidei Kendall para o Homecoming.

— Não?

— Não. — Ele veio na minha direção, enfiando os dedos no passador da minha calça e puxando de leve. Cambaleei para frente, as mãos indo para seu peito para me equilibrar. Ele estava tão perto, e eu estava tão confusa.

Avery estava aqui, na minha casa, e estava olhando para mim como se quisesse me beijar de novo.

— Avery — sussurrei. — O que está acontecendo?

— Estou fazendo uma escolha — respondeu.

— Está? — Minha boca ficou seca.

— Sim. Você, Miley, escolho você. — Ele se inclinou, tocando os lábios de leve contra os meus. — Isso está bom?

Concordei, não confiando em mim mesma para falar.

Deslizando uma mão no meu cabelo, Avery me puxou mais para perto e me beijou. Meus dedos se enrolaram na sua camiseta enquanto sua língua se curvava na minha.

— Isso é real? — suspirei.

— Isso parece real? — Sua mão deslizou pela minha espinha e pressionou um pouco, encaixando meu corpo no dele. Eu o senti duro e pronto na minha barriga.

— Ah... — Calor explodiu nas minhas bochechas.

— Não precisamos...

— Não, eu quero. — Segurei seu rosto, meu coração acelerado no peito como uma manada de cavalos selvagens. — Eu te quero, Avery Chase.

— Mesmo? — Ele engoliu em seco.

— Sim. — Sorri, mal conseguindo acreditar que isso estava acontecendo. — Minha mãe saiu. Não vai voltar por um bom tempo.

O ar ficou denso à nossa volta.

— Vem. — Peguei sua mão e o guiei para o quarto no andar de cima. Meu corpo murmurava com energia nervosa. Nunca tive um garoto dentro do quarto antes, menos ainda um garoto como Avery.

— Acho que tem muita coisa que não sei sobre você — falou, me pegando pela cintura e puxando de volta para seus braços. Seu queixo foi para a junção do meu pescoço com o ombro e me beijou ali. — Quero te conhecer, Miley, toda você.

Meu coração decolou. Ele também sentia.

— Também quero isso, muito.

— Mas primeiro, eu quero muito, muito mesmo te tocar outra vez. — Sua mão subiu pela minha barriga, levando a camiseta junto. Dedos quentes fizeram cócegas na minha pele, subindo mais até roçarem o bojo do meu sutiã. — Você é tão macia — sussurrou, mordiscando minha orelha.

Um tremor delicioso passou por mim.

— Avery? — Pressionei os lábios, abafando o gemido crescendo na minha garganta.

— O que você quer? Me diga.

— Me toque, por favor.

Um fogo descontrolado queimava por mim. Queria as mãos dele por todo meu corpo, tocando e provocando.

— Paciência. — Ele riu.

Avery me soltou e tirou minha camiseta devagar. Toda vez que seus dedos roçavam minha pele, eu estremecia. Depois suas mãos foram para minha legging e a empurrou para baixo. Eu rebolei para tirá-las e ele me ergueu, meus gritos enchendo o quarto.

— Me solte — bati no seu peito. Ele me soltou na cama, engatinhando em cima de mim, e tirando a camiseta no caminho. Envolvi seus ombros largos com os braços, me erguendo para beijá-lo.

— O que te fez mudar de ideia? — perguntei.

Avery afastou o cabelo do meu rosto ao olhar para mim.

— Passei a vida inteira correndo atrás do que quero. E aí você apareceu e me deu a maior rasteira. Me apaixonei enlouquecidamente por você, Miley. Só não sabia o que fazer com isso. Depois te beijei e você se afastou... E o que seguiu isso foi o furo. Estava com tanta raiva.

— Desculpa. Você tem que saber...

— Eu entendo. Acho que é o que mais odeio. Sei como é querer tanto alguma coisa que faria qualquer coisa para que aconteça. Somos iguais, Miley. Agora compreendo isso. E não vou deixar você escapular entre meus dedos só porque fiquei magoado.

— Ainda assim, sinto muito. Quando percebi como me sentia sobre você... era tarde demais. Eu...

— Shh. — Ele pressionou o polegar nos meus lábios. — Não importa. Tudo o que importa é este momento.

— E segunda, quando tivermos aula? — Odiava como soava insegura, mas ele mesmo disse, ninguém mais entenderia.

— Simples. Vou te buscar e vamos entrar na escola juntos.

— Eles não vão entender.

— Não precisam entender. Sou o maldito Avery Chase. Se quiser namorar a nerd do jornal da escola, é o que vou fazer. — Seus lábios se curvaram com diversão.

— Você acabou de se referir a mim como nerd?

— Sim, *minha* nerd. — Ele se abaixou, roçando o nariz no meu antes de me beijar.

— Gosto de como soa.

Nos perdemos no beijo. Avery se demorou aprendendo todos os jeitos de me fazer suspirar e contorcer. Seus dedos exploraram minha pele, pintando cartas de amor nas minhas costelas e gentilmente apertando meus seios.

Quando eu me tornei uma bola de energia acumulada, ele enfim colocou os dedos na minha calcinha e me tocou onde mais precisava.

— Mal posso esperar para estar dentro de você — disse, rouco, me observando ao curvar os dedos mais fundo, passando o polegar sobre meu clitóris.

— Ah, Deus — gemi.

Meus dedos se enrolaram nas cobertas conforme as ondas de prazer cresciam dentro de mim.

— Me beije — suspirei. — Preciso que me beije.

Avery riu, se aproximando e capturando meus lábios em um beijo firme. Sua língua entrou na minha boca, engolindo os gemidos que subiam pela minha garganta.

— Goze para mim, Miley.

As palavras dele me jogaram pelo precipício, meu corpo se estilhaçando.

Avery me beijou outra vez antes de sair de cima de mim para tirar o jeans. Pegou um preservativo da carteira e voltou para cama.

— Você tem certeza?

Assenti, observando fascinada enquanto abria o pacote de alumínio com o dente e colocava a camisinha.

Ele cobriu meu corpo, deslizando a mão sob uma das minhas coxas e a erguendo em volta do seu quadril.

— Isso pode doer. — Avery me penetrou lentamente, centímetro por centímetro. Minha respiração falhou com a sensação de preenchimento repentina, mas a dor logo abriu caminho para o prazer quando ele começou a se mover dentro de mim.

— Você é bonita para caralho. — Ele passou o polegar pela minha

bochecha e o pousou na parte carnuda do meu lábio antes de o trocar pela boca.

— Posso te sentir em todos os lugares — sussurrei, me agarrando nele enquanto tentava recuperar o fôlego.

— Porra, Miley... — Ele abaixou os lábios para meu pescoço e chupou de leve.

Minhas mãos passaram por seus ombros e deslizaram por suas costas. Podia sentir cada músculo, cada vale e plano. Ele era uma obra de arte, esculpido pelos anos de dedicação ao futebol.

— Você é incrível. — Os dentes dele mordiscaram meu ombro, fazendo ondas de prazer passarem por mim.

Ele escorregou a mão entre nós, esfregando meu clitóris com círculos preguiçosos. Luxúria líquida corria em minhas veias enquanto sentia outra onda crescer dentro de mim.

— Avery... — gritei.

— Apenas relaxe, babe. Eu cuido de você.

A corda rompeu e meu corpo estremeceu à sua volta. Avery engoliu meus gemidos, venerando minha boca com a língua. Ele foi mais rápido, procurando o próprio clímax. No segundo que o atingiu, me beijou, meu nome um eco na sua língua.

Ficamos deitados ali, saciados e em silêncio.

— Você está bem? — ele me perguntou.

— Sim. Isso foi...

Como eu começava a explicar o que sentia neste momento?

Avery tocou a cabeça na minha e sorriu.

— Eu sei. Tudo o que você sentiu. Também senti.

Alívio me tomou. Isso não era uma brincadeira ou um plano de vingança cruel... era real.

Era mais do que eu podia esperar.

— Querida, você vai abrir um buraco no carpete — mamãe falou enquanto andava de um lado para o outro na sala de estar. — Ele vai vir.

— Eu sei. — Eu sabia.

Avery já havia me mandado mensagem três vezes para dizer que me veria em breve. Mas era segunda de manhã, e estava tão nervosa sobre entrar na escola como sua namorada.

A maldita namorada de Avery Chase.

Ainda não podia acreditar.

Passamos a maior parte do final de semana juntos. Ele conheceu minha mãe no sábado e depois fui na casa dele ontem para conhecer seus pais.

Estava progredindo rápido. Mas Avery disse que já tínhamos perdido muito tempo, e estava propensa a concordar.

Mas a escola?

A escola era totalmente diferente.

— Acho que vejo o carro dele. — Minha mãe bateu palmas, sem conseguir manter a animação controlada na voz.

Não tinha certeza se ela ficaria animada assim se soubesse o que fizemos no meu quarto no sábado a noite, mas o que ela não sabia, não podia machucá-la. Além disso, tinha quase dezoito anos.

Ainda me divertia que era mais velha do que Avery. Ele não faria dezoito anos até a próxima primavera, mas não tinha nada de garoto no jeito que ele me fazia sentir ou nas coisas safadas que fazia comigo.

— Certo, querida, é isso.

— Por favor, mãe. Já estou nervosa o bastante.

— Você consegue, bebê. Estou tão orgulhosa de você. Você e Avery são um casal tão fofo. Não deixe ninguém te dizer o contrário, tá bom?

— Obrigada, mãe. — Eu a abracei. — Por tudo.

— Ah, querida, eu que deveria estar agradecendo. Não sei o que teria feito sem você nesses últimos anos.

Meu coração catapultou para a garganta com a batida na porta.

— É ele — mamãe deu um gritinho.

— Ah, meu Deus, mãe, pare. — Acenei para ela enquanto pegava a mochila e ia para a porta. — Oi — falei para Avery, tentando parecer relaxada.

— Oi? — Sua testa franziu. — Vem cá. — Ele me puxou em seus braços e tirou meu fôlego com um beijo.

— O que foi isso? — perguntei, as bochechas ardendo.

— Senti sua falta. Bom dia, Sra. Fuller.

— Bom dia, Avery. Dirija com cuidado, certo?

— Sim, senhora.

— Certo, então, podem ir. E “vai Raiders”.

— Ah, meu Deus — murmurei —, faça parar.

— Acho que é fofo. — Avery pegou minha mão e me puxou para o carro. — Pronta? — Ele abriu a porta para mim, mas hesitei.

— Miley... vamos fazer isso. Juntos, está bem?

— Eu sei. — Dei um sorriso fraco a ele e entrei no carro.

Antes que mudasse de ideia.

— Você vai ter que sair uma hora — Avery disse. Estávamos sentados no carro há cinco minutos.

— Eu sei, só preciso de mais um minuto.

— Babe. — Ele pegou minha mão pelo console central. — Qual é o pior que pode acontecer?

— Sêrio? — Refutei. — Você conheceu a Kendall?

— Kendall vai entrar na linha porque vou falar para entrar. Acho que está esquecendo de uma coisa importante aqui. Sou um deus nesse lugar. O que eu falo é regra. Você não tem nada para se preocupar.

— Você acabou de referir a si como um deus?

— Nisso que você vai se ater em tudo o que eu disse? — Ele sorriu e belisquei sua mão. — Ah olhe, a cavalaria chegou.

— A cava...

Ashleigh bateu na janela.

— Vem. — Ela moveu a boca. — Mal posso esperar para ver a cara da Kendall.

— Ah, meu Deus. — Dei uma risadinha. — Sua irmã é...

— Uma idiota? É, eu sei.

— Na verdade, acho que ela é demais.

— Bom, acho que você é demais. Agora podemos, por favor, sair do carro?

— Tudo bem. — Abri a porta e Ashleigh e Lily se afastaram para me dar um pouco de espaço.

— Graças a Deus. Pensei que vocês fossem ficar sentados aí dentro a manhã inteira.

— Ei, Ashleigh, bom te ver também.

— Eeee aqui vamos nós. — Ela soltou um assobio baixo e eu compreendi o motivo na hora. Todo mundo parou para me ver sair do carro do Avery.

Ele veio para meu lado e pegou minha mão.

— Apenas respire, babe. Eu cuido de você.

— Estão todos encarando.

— Sim. É o que acontece quando você está namorando o quarterback estrela que nunca namora. — Ashleigh sorriu.

— Leigh — Avery avisou.

— O quê, só estou dizendo.

— Você está bem? — Ele apertou minha mão.

Avery parecia tão calmo e sereno. Por que ele parecia tão calmo e sereno?

— Yo, Chase, cara. — Micah veio até nós. — Ia te perguntar o que estava fazendo durante o final de semana todo, mas parece que tenho minha resposta.

— Não seja um babaca — Avery avisou.

— Dedo duro, parece bem. — A boca de Micah se curvou, mas não vi desdém ali.

— Acho que você não parece mal também, para um babaca.

Avery explodiu com risada enquanto eu abafava um sorriso.

— Touché, Miley. Touché, porra. Acho que vou espalhar que a dedo duro acabou de ser promovida a garota do QB. — Ele saiu na direção do prédio da escola.

— O que acabou de acontecer? — perguntei para Avery, estupefata.

Ele me puxou para seus braços e colocou uma mecha rebelde de cabelo atrás da minha orelha.

— Você nos subestima, babe.

— Mas...

— Nada de “mas”. Vou te beijar agora, tá bom?

Ele não esperou minha resposta, segurando meu rosto e me dando um beijo de tirar o fôlego. Ashleigh e Lily fingiram vomitar, mas logo o barulho foi abafado quando a língua de Avery se curvou com a minha.

Até Ashleigh resmungar:

— Alerta de vaca.

Eu me afastei e olhei para onde Kendall estava me fuzilando.

— Ignore — Avery disse. Mas não queria ignorar.

Queria garantir que ela soubesse exatamente como era.

Então beijei Avery outra vez, só para garantir que ela tinha entendido.

— Cuidado, dedo duro. — Kendall semicerrou os olhos, desdém exalando dela, enquanto passava com as amigas do meu lado no corredor.

Foi assim a manhã inteira. Tentei não deixar os sussurros e provocações me afetarem, mas não podia negar que a confiança que senti ao beijar Avery na porta da escola lentamente começava a fraturar.

— Não posso acreditar que ele está mesmo com ela — falou um pouco alto demais. — A não ser que seja uma brincadeira para se vingar do que ela fez ano passado.

Eu me aproximei mais do armário e me encolhi. Se me odiavam antes, agora me odiavam ainda mais.

— Ei — Ashleigh veio até mim. — Por que está se escondendo aqui?

— Não estou me escondendo, só estou... recuperando o fôlego.

— Você não pode deixar Kendall Novak vencer. — Ela me persuadiu para longe do armário e o fechou. — Meu irmão quer você, Miley. Você.

Seu sorriso largo e palavras gentis aliviaram o nó no meu estômago.

— Sabe, você é bem incrível.

— Eu sei. — Ela sorriu orgulhosa. — Agora, chega de se esconder.

— Mais fácil dizer do que fazer — murmurei.

Micah as manteve longe durante minha última aula, mas ainda tinha muitas aulas pela frente. Nesse momento, meu telefone vibrou.

— É o Ave? — Ashleigh bisbilhotou sobre minhas mãos e as afastei.

Não posso te encontrar pro almoço, tenho treino. Desculpa. Mas se você vir me assistir depois da aula, te dou carona para casa?

— O que ele disse?

— Tem treino no almoço.

— Que bom que você tem a mim e Lily, então. — Ela sorriu outra vez.

— Que bom mesmo. — Olhei para cima e Kendall olhou feio para mim.

— Ignore. Vamos. — Ashleigh puxou meu braço de leve.

Queria seguir seu conselho, mas algo me dizia que Kendall não iria pegar leve comigo. Porque eu tinha o que ela queria.

Eu tinha Avery.

Sobrevivi o resto do dia. Por sorte, só tinha mais uma aula com Kendall, mas sentei na fileira atrás dela, então não podia ficar virando toda hora para me provocar.

No segundo que saí da sala, Ashleigh e Lily me encurralaram.

— Isso é uma surpresa — falei.

— Pensamos em te fazer companhia enquanto Avery está no treino.

— Ah, tudo bem. — Franzi o cenho.

Mas no segundo que chegamos nas arquibancadas, compreendi o porquê se ofereceram para me acompanhar. O esquadrão de torcida também estava treinando, e tínhamos que andar bem ao lado delas.

— Por que Avery iria querer a ela quando poderia ter a mim?

— Não sei, Kendall. Eles pareciam bem sérios de manhã — a amiga disse, me dando um olhar de desculpas.

— Bom, vou ser coroada Rainha do Homecoming. E todo mundo sabe que Avery será o Rei. Não tem como impedir o destino.

— Deus, ela está tão iludida — Ashleigh sibilou conforme desviávamos do esquadrão de torcida para sentar nas arquibancadas.

Tentei ignorar Kendall e suas palavras venenosas e focar em Avery. Ele estava muito gostoso treinando jogadas. Precisei me beliscar

algumas vezes, mal conseguindo acreditar que ele era meu.

Mas aí meu olhar encontrou Kendall sorrindo, e uma sensação de queda livre se espalhou por mim. Ela seria coroada Rainha do Homecoming e Avery seria o Rei. E eu nem tinha planos de ir no baile idiota.

O final do treino se aproximava, e o técnico chamou o time para uma roda. Mas quando se separaram, franzi o cenho.

— O que estão fazendo? — Alguns jogadores estavam correndo na direção da arquibancada segurando a faixa dos Rixon Raiders da noite de jogo entre eles.

— Ah, meu Deus — Lily suspirou enquanto meus olhos soletravam as palavras pintadas sobre a caligrafia familiar dos Rixon Raiders.

Miley Fuller, vai no Homecoming comigo?

— Vai... — Ashleigh me cutucou. — Desce lá.

— Eu... — Meu coração batia forte no peito.

— Vai. — Ela me puxou para levantar e me deu um empurrãozinho. Desci as arquibancadas distraída.

O que diabos estava acontecendo?

Estava ciente de todo o esquadrão de torcida me observando enquanto ia até a beirada do campo de futebol. Micah piscou para mim, acenando para trás. E aí Avery irrompeu pela faixa, parando na minha frente.

Todo mundo começou a celebrar: os colegas de time, a maior parte do esquadrão de torcida, Lily e Ashleigh na arquibancada. Até o técnico Ford estava batendo palmas.

— E aí, vai? — Avery segurou minhas mãos.

— Eu...

Ele se aproximou, tirando os fios de cabelos soltos do meu rosto.

— A resposta é sim, Miley.

— Sim — soltei com um suspiro suave. — Sim, vou no Homecoming com você.

Como poderia recusar depois disso?

— Ela disse sim! — Ele rugiu, e os aplausos ficaram mais fortes.

— Ah meu deus, pare. — Afundei o rosto no seu peito. Mas Avery segurou minha nuca e, com carinho, ergueu meu rosto para o dele.

— Nunca fui em um baile de escola — confessei, sentindo as bochechas ficarem coradas.

— Bom — respondeu com um sorriso. — Quero todas suas primeiras vezes, Miley. Cada uma delas.

Avery capturou meus lábios em um beijo firme, um que senti até as pontas dos meus dedos.

Minhas mãos se enrolaram no seu uniforme.

— Todo mundo está olhando — suspirei.

— Ótimo, deixe que olhem. Você é minha, Miley. E nunca vou deixar você escapar.

EPILOGUE

MILEY

EU ESTAVA NO HOMECOMING... Homecoming.

Nunca fui em um baile de escola antes. Mas era tudo o que esperava que fosse. Alto, desordeiro, e cheio de adolescentes querendo relaxar, ficar e cometer erros.

— Ah, meu Deus, você está linda. — Ashleigh e Lily me encontraram enquanto Avery pegava bebidas para nós. Bebidas que me garantiu que não teriam álcool. Mas não confiava em Micah para não tentar batizar o ponche.

— Obrigada, minha mãe escolheu. — Ela insistira em me levar para comprar um vestido. O vestido de skatista azul Raiders não era exagerado ou espetacular, mas me sentia confortável e os olhos de Avery se iluminaram quando me viu. Então acho que fez sucesso.

— Bom, você está linda.

— E você também. Vocês duas. — Pisquei para Lily. Ela parecia um peixe fora d'água, os olhos arregalados e cheios de medo. Ainda não sabia toda a história, mas Lily Ford era uma garota com medo do mundo e era uma pena porque ela era incrível de várias maneiras.

— Aqui. — Avery passou o braço pela minha cintura e me entregou a bebida.

— Você fica bem arrumado, Ave — Ashleigh disse, com um sorriso orgulhoso.

— Eu tento.

— O jogo foi incrível, aliás. Se Notre Dame não te quiser, são idiotas.

— Obrigado pelo voto de confiança, pirralha. — Ele me deu um olhar secreto. Ainda não tinha contado para a família, mas já havia se comprometido verbalmente com eles. Era uma surpresa.

— Espera um pouco — Ashleigh falou, olhando entre nós. — Você sabe de alguma coisa, não é?

— Você é esperta demais para seu próprio bem — ele murmurou.

— E... consegui?

— Consegui o quê? — Avery sorriu, e afundei o rosto no seu ombro, abafando minha risada.

— Ah, meu Deus, eles querem você, não é? — Ashleigh deu um

gritinho. — Notre Dame quer você, certeza.

— Sim, querem.

— Avery! — Ashleigh se jogou no irmão, quase me empurrando para longe. Dei um passo para o lado, os deixando curtir o momento. — Estou tão orgulhosa de você. Mamãe e papai vão te matar quando contar para eles.

— Só queria um tempinho para processar.

— Parabéns, Avery, é uma novidade incrível — Lily disse.

— Obrigado. Mas apreciaria se você me deixasse contar para mamãe e papai.

— Posso guardar um segredo. — Ashleigh fingiu zipar os lábios. A testa dele ergueu e todos rimos.

— Opa, lá vem Diretor Kiln.

Meu estômago embrulhou. Estava temendo esta parte.

— Relaxa — Avery sussurrou na concha da minha orelha. — Mesmo se ela ganhar — o que todos sabemos que iria —, estou aqui com você, não Kendall.

— Eu sei.

Kendall passou a semana inteira tentando me intimidar. Tentei ignorá-la, mas nem sempre era fácil. Ela era ótima em se aproveitar de todas as inseguranças que eu tinha sobre mim e meu relacionamento com Avery.

— Estudantes, professores e amigos. — A voz do diretor Kiln ecoou pelo lugar. — Bem-vindos ao Homecoming. — Comemoração explodiu ao nosso redor, todo mundo cantando *Raiders, Raiders*. Avery deu um pequeno aceno para a multidão, mas não soltou da minha mão enquanto ficávamos parados ali, cercados pelos colegas de time e amigos. Ashleigh me deu um sorriso tranquilizador, e consegui retribuir com um pequenino. Nunca imaginei que fosse me encontrar aqui, mas não queria estar em nenhum outro lugar.

— Vou ser rápido, já que sei que todos querem aproveitar a noite. Por favor, aplausos para o Rei e Rainha do Homecoming deste ano, Sr. Avery Chase e Srta. Kendall Novak.

Mesmo sabendo que isso iria acontecer, meu coração afundou.

Avery segurou meu rosto e me olhou intensamente.

— Volto já, tá bom?

— Tudo bem. Parabéns.

O lábio dele se curvou.

— Você fala como se isso significasse alguma coisa. Não significa nada.

Ashleigh colocou a mão na minha e apertou de leve.

— Vai — falei para Avery. — Estão esperando.

Ele hesitou, mas aí desapareceu na multidão. Kendall chegou no palco primeiro, aceitando ansiosamente a tiara. Ela sorriu como se

tivesse visto o passarinho verde, ainda mais quando Avery chegou no palco e aceitou sua coroa. Enlaçando o braço pelo dele, deu um enorme sorriso.

— Que vaca iludida — Ashleigh sibilou.

Mas não tinha como negar que ficavam bem juntos.

— É costume o Rei e a Rainha dançarem juntos — diretor Kiln acrescentou —, podem ir para a pista de dança.

— Vou no banheiro — sussurrei, tentando me soltar da Ashleigh. Mas ela me apertou mais.

— Não, não vai.

— Ashleigh, por favor. Só preciso...

— Na verdade, diretor Kiln, isso não vai dar certo para mim.

Congelei com o som da voz do Avery.

— Não... vai? — o diretor gaguejou.

— Não. Olha, só tem uma garota com quem vou dançar esta noite, e é minha namorada, Miley Fuller.

A expressão de Kendall se tornou assassina enquanto Avery erguia uma mão no rosto e me procurava na multidão.

— Entendi. Bom, acho que não tem nada que diga que vocês precisem dançar juntos. Kendall, você tem um par que pode...

Mas ela saiu tempestuosa do palco.

— Isso foi tão legal — Ashleigh sussurrou-gritou.

— O que me diz, Miley? — Avery disse convicto. — Dança comigo?

O ambiente ficou em silêncio, tirando a batida enlouquecida do meu coração. Ashleigh me deu um empurrãozinho para frente e a multidão se afastou, me levando direto para Avery. Ele desceu do palco e ficou parado na minha frente. Estava tão lindo com a calça social e camisa preta.

— Você não está usando sua coroa — falei.

— Não preciso. — Ele deu de ombros. — Não quando tenho um prêmio bem melhor me esperando.

— Ah é? — Olhei em volta, procurando alguma coisa de forma exagerada.

— Miley. — Ele passou o braço pela minha cintura e me puxou para perto. — Pare.

— Tá bom — suspirei. — É agora que a gente dança? — Estava vagamente ciente de uma música tocando ao fundo.

— Essa é a parte que te digo o quanto sou louco por você.

— É?

Avery se aproximou, roçando o nariz no meu.

— Sou. Me apaixonei perdidamente... — Ele engoliu em seco, os olhos escurecendo.

— Então acho que é uma boa coisa que também me apaixonei

perdidamente, né?

— Mesmo? — Ele sorriu.

— Mesmo — respondi.

E aí, eu o beijei.

AVERY

— Aqui está ele — o técnico falou, me recebendo em sua casa. — O homem da vez.

— Obrigado, treinador. Não poderia ter conseguido sem você.

— Está muito certo, garoto. — Ele sorriu. — É bom te ver, Miley. Espero que esteja mantendo esse aqui longe de encrencas.

— Eu tento. — Ela apertou minha mão.

Era o domingo depois do Homecoming e eu finalmente contei para meus pais sobre Notre Dame ontem. Sabia que Ashleigh não conseguiria guardar segredo, e queria que a notícia viesse de mim.

— Bom, entrem, todo mundo já está aqui.

Seguimos o técnico até sua enorme cozinha de conceito aberto. Meus pais estavam parados junto com Felicity na bancada. Sra. Bennet e Asher também estavam aqui. Vi os gêmeos sentados lá fora em volta do fogo com Lily, Poppy e minha irmã.

— Nada do Ezra? — perguntei.

Os Bennets trocaram um olhar.

— Ele... não está se sentindo muito bem. Parabéns, Avery. Estamos todos muito orgulhosos de você.

— Obrigado, Sra. Bennet.

— Ah, por favor, não estamos na escola. Pode me chamar de Mya.

— Filho. — Meu pai se aproximou, me puxando para um abraço.

— Ela está certa. Estamos orgulhosos, garoto. Orgulhosos para caralho.

— Cameron! — Mamãe arfou, e todo mundo riu.

— Não é todo dia que seu filho se compromete antecipadamente para um dos melhores programas de futebol do país, Hailee. Acho que tenho direito de ficar um pouco emotivo.

— Pode ficar emotivo sem xingar.

— Isso parece ótimo, pessoal. — Mudei de assunto, olhando para a grande variedade de comida que o técnico e a esposa fizeram para mim.

— Bom, é um ótimo motivo para comemorar. Agora tudo o que precisamos é trazer a taça do campeonato para casa e meu trabalho está encerrado. — Técnico sorriu outra vez.

— Sem pressão nenhuma. — Eu ri.

— Você vai conseguir, babe. — Miley se inclinou e beijou minha

bochecha e juro que todas as mães no recinto bambearam.

— Vocês dois são muito fofos, e tão sortudos de irem para faculdades próximas.

— Ah, não vou ter notícias de Northwestern até a primavera — Miley falou.

— Não, mas vai entrar. — Tinha que entrar. Porque passar quatro anos sem Miley por perto não era uma opção.

— Tenho certeza que vai dar tudo certo. — Minha mãe sorriu.

Eles foram ótimos com tudo. Notre Dame. Miley. Fazia apenas algumas semanas desde que entramos na escola naquela manhã e surpreendemos a todos, mas agora não podia imaginar minha vida sem Miley. Alguns dos rapazes não entendiam. Ela ainda era uma traidora para eles. Mas a segunda reportagem ajudou a reparar um pouco do dano feito.

Micah foi o que mais me surpreendeu. Ele espalhou que Miley era minha garota, e era isso. Se alguém tinha um problema com isso, ele se encarregou de resolver. Acho que era seu jeito de se desculpar pelo que tinha acontecido na festa. E talvez porque ele sempre suspeitou que tinha alguma coisa entre nós.

De qualquer maneira, as coisas estavam boas.

Melhores do que boa. A vida era bem fantástica.

Lily estava melhor na escola. Ashleigh era irritante como sempre. O time estava em uma sequência de vitórias. E eu tinha a garota dos meus sonhos ao meu lado.

Tinha tudo que precisava.

E não podia esperar para ver o que me aguardava no futuro.

Três anos depois...

LILY

— Ei, você — mamãe se juntou a mim do lado de fora. Estava enrolada em uma espreguiçadeira no jardim, lendo um livro.

— Oi, mãe.

— Como você está se sentindo?

— Bem, eu acho.

— Sabe, as aulas começam em uma semana.

— Eu sei. — Como se eu pudesse esquecer. Era o último ano.

Parecia que há dois segundos estava começando na Rixon High como uma garota tímida do nono ano.

— Você chegou tão longe, bebê. Estou otimista com esse ano.

— Vai ficar tudo bem, mãe. — Era minha resposta de sempre quando as coisas começavam a parecer de mais.

Estou bem.

Não tem problema.

Tudo vai ficar bem.

Minha mãe sabia, todos sabiam. Mas não pressionavam. Acho que ao longo dos anos, ficou mais fácil *não* pressionar. Só me deixar em paz.

— Papai já descobriu o que vai acontecer?

— Ele está em uma ligação com os diretores Kiln e Mendoza neste momento. Mas não importa o que aconteça, tenho certeza que ficará bem. — Ela se inclinou e apertou meu joelho.

Teve um incêndio na Rixon East High School durante o verão. Por sorte, ninguém se machucou, mas o dano era grande demais para ser consertado a tempo do novo ano letivo. O conselho estudantil decidiu que os estudantes seriam divididos entre as três escolas mais próximas, incluindo Rixon High.

Era tudo o que Ashleigh e Peyton, minhas melhores amigas, falaram durante todo o verão. Acho que era importante. Os alunos de Rixon East e Rixon High não se misturavam bem. A rivalidade não era tão ruim quanto na época do meu pai, mas não tinha nenhum afeto entre as duas escolas.

— Que bosta para eles — falei.

— Lil — mamãe avisou.

— O quê? — Dei de ombros.

Ela revirou os olhos.

— Lembra como você se sentiu quando começou na Rixon High no nono ano? Imagino que será assustador e desconhecido para muitos alunos. Um pouco de compaixão cairia bem, bebê.

Não tinha coragem de contar para ela, não era com eles que estava preocupada.

Era comigo.

Já podia sentir a boca cheia de dentes da ansiedade se fechando à minha volta. Mas estava muito melhor, e meus pais finalmente estavam relaxando e me dando um pouco mais de liberdade. Não queria arruinar tudo.

Então sorri e ignorei a vizinha na minha cabeça.

Tudo ficaria bem.

Neste momento, meu pai saiu e veio em nossa direção.

— Ô-ou — mamãe falou. — Parece irritado.

Os olhos dele estavam semicerrados e a mandíbula apertada. Ah sim, com certeza meu pai estava puto.

— O que disseram? — Minha mãe se levantou.

— É uma confusão da porra. — Ele olhou para mim e fez uma careta. — Desculpe, Lil.

Acenei para ele.

— Já que somos o melhor programa de futebol, querem transferir todos os jogadores para cá. Mas como disse para diretor Kiln, já tenho a escalação completa.

— Bom, tenho certeza que você vai dar um jeito. — Ela massageou seus ombros. — Eles perderam tudo, Jase. É a decisão certa.

— É, eu sei. — Ele soltou uma longa respiração. — Mas Kaiden Thatcher está naquela lista.

— Filho do Lewis Thatcher? — Mamãe franziu o cenho, a expressão ficando sombria. — Entendi.

— Quem é Lewis Thatcher? — perguntei.

— Ninguém com quem precise se preocupar, Lil — ele falou.

Mas seu rosto o contradizia. Seu rosto dizia que Lewis Thatcher *era* alguém para se preocupar.

O que devia significar, que seu filho também era.

Espero que tenha gostado da história de Avery e Miley.
Você pode descobrir o que acontece com Lily Ford em *Fora dos Limites*.

ABOUT THE AUTHOR

Autora best-seller *USA Today* e *Wall Street Journal* de mais de quarenta livros *young adult* maduros e *new adult*, L.A. COTTON é mais feliz escrevendo o tipo de livro que ela ama ler: histórias viciantes cheias de angústias adolescentes, tensão, e reviravoltas.

Sua casa é em uma pequena cidade no meio da Inglaterra onde ela equilibra ser uma autora em tempo integral com ser mãe/juíza de duas pequenas pessoas. No seu tempo livre (e quando não está acampada na frente do computador) você vai encontrar L.A. imersa em um livro, escapando do caos que é a vida.

LA ama se conectar com leitores. Os melhores lugares para encontrá-la são:

www.lacotton.com

